

---

# **BOLETIM DE CONJUNTURA DA BAHIA**

## **4º TRIMESTRE DE 2023**

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA  
Jerônimo Rodrigues Souza  
SECRETARIA DO PLANEJAMENTO  
Cláudio Ramos Peixoto  
SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI)  
José Acácio Ferreira  
DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)  
Armando Affonso de Castro Neto  
DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)  
Rodrigo Barbosa de Cerqueira  
COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)  
Arthur Souza Cruz Júnior  
COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)  
Lucigleide Nery Nascimento  
COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS (Coref)  
João Paulo Caetano Santos  
ELABORAÇÃO TÉCNICA  
Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)  
Carla Janira Souza do Nascimento (Agropecuária)  
Carla Janira Souza do Nascimento (Produção Industrial)  
Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)  
Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)  
Arthur Souza Cruz Junior e Pedro Henrique Ferreira Matos (Comércio Exterior)  
Eduardo Augusto Santos Brito, Gabriel Oliveira Barbosa e Marília Jane Campos (Finanças Públicas)  
João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e Carol Vieira (Produto Interno Bruto)  
Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Zélia Maria Abreu Góis  
NORMALIZAÇÃO  
Eliana Marta Gomes Silva Sousa  
EDITORIA-GERAL  
Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais  
EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO  
DESIGN GRÁFICO  
REVISÃO DE LINGUAGEM  
EDITORAÇÃO  
EGBA

## SUMÁRIO

Panorama Internacional, Nacional e Estadual

Internacional

Nacional

Estadual

Agropecuária

Produção Industrial

Comércio Varejista

Serviços

Turismo

Comércio Exterior

Finanças Públicas

Produto Interno Bruto (PIB)

Mercado de Trabalho

## PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira  
lmario@sei.ba.gov.br

### Cenário Internacional

Em 2023, a atividade econômica mundial se mostrou resiliente, pelo crescimento vigoroso em muitas economias importantes, mesmo diante dos choques provocados pela pandemia de covid-19, invasão da Ucrânia pela Rússia e da crise da forte alta do custo de vida que exigiu uma política monetária contracionista com taxas de juros em níveis muito elevados.

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia global cresceu no segundo semestre, à medida que fatores de oferta e demanda se equilibraram desde a pandemia da covid-19, ressaltando o aquecimento da atividade econômica e do mercado de trabalho como fatores que sustentaram essa melhora.

No quarto trimestre, Estados Unidos e China apresentaram os melhores resultados. Próximo da estabilidade a Zona do Euro e o Japão registraram ligeira queda. Com isso, a projeção de crescimento da economia global foi elevada em 0,2 ponto porcentual, para 3,1%, em 2023, pelo FMI.

Serão destacados a seguir os fatores que mais contribuíram para desempenho do Produto Interno Bruto (PIB), levando em consideração fatores conjunturais que impactaram as referidas taxas positivamente ou negativamente, nos Estados Unidos, China, Zona do Euro e Japão e previsões para 2024.

O PIB dos Estados Unidos, de acordo com a segunda estimativa do indicador divulgada pelo Departamento de Comércio do país, cresceu 3,2% no quarto trimestre de 2023 ante o trimestre de 2022 e o resultado anual foi de 2,5%.

O resultado ficou acima da estimativa de analistas, uma vez que o consenso apontava para alta de 2,0%. Houve uma aceleração em relação a 2022, quando o crescimento econômico foi de 1,9%.

A evolução do PIB no quarto trimestre reflete os aumentos nos gastos dos consumidores, no investimento privado, nas exportações e nos gastos dos governos federal, estaduais e locais. O PIB em dólares aumentou 4,8%, ou US\$ 328,7 bilhões, para um nível de US\$ 27,94 trilhões.

Esse número encerra um ano em que a economia americana contrariou as expectativas de que mergulharia na recessão. Em vez disso, o PIB aumentou 3,1%, maior do que no quarto trimestre de 2022.

Os gastos do consumidor, maior componente do PIB americano pelo lado da demanda, subiram a uma taxa anual de 2,8%. Isto indica, em linha com os números das vendas de varejo, que esses gastos se aceleraram até o fim do quarto trimestre.

O relatório do Departamento de Comércio mostrou ainda um aumento das despesas de capital. O investimento das empresas com máquinas, equipamentos e estruturas cresceu a uma taxa anual de 1,9% no quarto trimestre, depois de ter subido 1,4% no terceiro. A redução do déficit comercial também ajudou o PIB a aumentar.

Certamente ainda há fatores que atrapalham a economia americana, em especial o nível elevado das taxas de juro de curto prazo. Mas como o mercado de trabalho ainda vai bem, o esfriamento da inflação aumenta o poder de compra dos trabalhadores e o sentimento começa a melhorar, parece pouco provável que os gastos dos consumidores caiam nos próximos meses, evitando uma queda brusca no nível de atividade.

Segundo dados divulgados pelo Escritório Nacional de Estatísticas (NBS, na sigla em inglês), a China registrou crescimento na comparação do quarto trimestre com o trimestre anterior, de 1%, dentro das expectativas. Para o quarto trimestre de 2023, o PIB chinês cresceu 5,2% ante igual período do ano anterior, acima dos 4,9% do trimestre anterior.

Em relação a 2002, o PIB registrou um crescimento anual de 5,2% em 2023, superior à

meta anual de cerca de 5%, mas ligeiramente abaixo dos 5,3% esperados pelo consenso dos analistas. Em 2022, ainda com os confinamentos exigidos pela pandemia de covid - 19, a economia da China havia crescido 3% sobre o ano anterior. O PIB do país atingiu um recorde de 126,06 trilhões de yuans (cerca de US\$ 17,71 trilhões) no ano passado.

De acordo com o NBS, o melhor desempenho da economia se deveu aos gastos do governo, que ajudaram a estimular a recuperação após o período mais crítico da pandemia. A crescente incerteza sobre as perspectivas econômicas da China minou os gastos das famílias, contribuindo para um aumento modesto de 0,2% nos preços ao consumidor em 2023. Além da crise no setor imobiliário que se manteve, os gastos em construção e decoração diminuíram 7,8% no ano e os preços de novas moradias, em dezembro, caíram num ritmo mais forte desde 2015.

Dados do comércio exterior da China ajudaram na composição do PIB, já que as exportações contraíram 4,6% no ano passado, devido à procura mais fraca dos principais parceiros comerciais nos Estados Unidos, na União Europeia e no Sudeste Asiático. As importações diminuíram 5,5%, por conta da queda na procura interna por matérias-primas, como petróleo bruto e produtos siderúrgicos.

Para o primeiro-ministro da China, Li Qiang, a meta de "cerca de 5%", definida no início de 2023, foi obtida sem estímulos excessivos à economia, evitando que a busca de efeitos de curto prazo pudesse gerar problemas de longo prazo. "A economia chinesa está fazendo progresso constante e continuará a proporcionar um forte impulso à economia mundial", disse ele que projetou um mercado consumidor crescente: "Na China, existem atualmente mais de 400 milhões de pessoas na faixa de rendimento médio, e espera-se que o número atinja 800 milhões na próxima década".

As autoridades chinesas divulgaram outros importantes indicadores econômicos. A produção industrial, por exemplo, avançou 4,6% no acumulado do ano passado. As vendas no varejo de bens de consumo da China, por sua vez, subiram 7,2% em termos anuais em 2023, segundo os dados oficiais, para um total de 47,15 trilhões de yuans (cerca de US\$ 6,63 trilhões). Esse dado também ficou abaixo da estimativa de 8,0%.

A taxa média de desemprego urbano pesquisada na China ficou em 5,1% em dezembro, enquanto a taxa média do ano foi de 5,2%, uma queda de 0,4 ponto percentual em relação a 2022.

Dados da segunda revisão da agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat, mostraram que o PIB da Zona do Euro ficou estável no quarto trimestre de 2023 ante os três meses anteriores. Com a estabilidade, o bloco evitou entrar em recessão técnica, depois de sua economia encolher 0,1% no terceiro trimestre ante o segundo. Na comparação anual, o PIB da Zona do Euro teve leve expansão de 0,1% entre outubro e dezembro.

A Alemanha, a maior economia da Europa, e historicamente um motor econômico da atividade no bloco, puxou a taxa global para baixo, com retração de 0,3%, a maior contração de qualquer economia, exceto a da Irlanda, que caiu 0,7%. Entre outros países da Zona do Euro, o PIB manteve-se estável na França, enquanto cresceu 0,2% em Itália, 0,4% na Bélgica e 0,6% na Espanha. Já são cinco trimestres seguidos que o desempenho da economia dos 20 países que usam o euro fica em torno de zero.

A política monetária restritiva do Banco Central Europeu foi decisiva para os resultados do PIB da região, com redução da demanda e da confiança dos consumidores e empresários.

A produção industrial da Zona do Euro apresentou alta de 2,6% em dezembro ante novembro de 2023, surpreendendo as projeções de analistas que previam recuo de 0,2% no período. Na comparação anual, a produção industrial do bloco teve expansão de apenas de 1,2% em dezembro. Espera-se que a economia do bloco recupere em 2024, num contexto de desaceleração da inflação e de expectativas de que o Banco Central Europeu (BCE) reduza as taxas de juro.

O PIB real do Japão recuou 0,1% no quarto trimestre de 2023 em relação aos três meses anteriores, menos do que a expectativa dos analistas econômicos, de alta de 0,2%. Na taxa anualizada, o PIB recuou 0,4% no último trimestre.

No quarto trimestre, o consumo privado diminuiu 0,2% face ao trimestre anterior. O crescimento dos salários não acompanhou a taxa de inflação, o que fez com que as famílias hesitassem em gastar ativamente. As despesas de capital também caíram 0,1%. A demanda externa (exportações menos importações) acrescentou 0,2 ponto percentual ao crescimento.

O governo informou que a economia recuou a uma taxa anual de 0,4% entre outubro e dezembro, de acordo com dados sobre o PIB real, embora tenha crescido 1,9% em todo o ano de 2023. A economia contraiu 2,9% entre julho e setembro. Dois trimestres consecutivos de contração são considerados um indicador de que a economia entrou em recessão técnica.

Diante dessa queda do PIB no quarto trimestre, a economia do Japão é agora a quarta maior do mundo, ficando atrás da Alemanha. A economia do Japão era a segunda maior até 2010, quando foi ultrapassada pela China. O PIB nominal do Japão totalizou US\$ 4,2 trilhões em 2023, enquanto o da Alemanha foi de US\$ 4,4 trilhões.

Os dados do quarto trimestre mostraram que a atividade econômica global não apresentou crescimento uniforme, com a China e os Estados Unidos apresentando resultados positivos, enquanto a Zona do Euro estabilidade e o Japão retração, embora as políticas monetárias adotadas pelos países fossem diferentes.

Com isso, os dados do relatório Panorama Econômico Global, do FMI, divulgados em janeiro de 2024, contemplam as projeções do crescimento do PIB mundial de 2023 abaixo do de 2022, de 3,5% para 3,1%. Para 2024, a projeção subiu 0,2% em relação ao relatório de outubro, para 3,1%. As economias desenvolvidas tiveram revisão em 2023 e 2024 com taxas esperadas de 1,5% e 1,6%, respectivamente.

Para os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento, espera-se que o crescimento seja de 4,1% em 2023 e a mesma taxa para 2024. A revisão em alta de 0,1 ponto percentual para 2024 ante a projeção de outubro de 2023 reflete melhorias em vários países do bloco.



O FMI também melhorou a perspectiva de crescimento da China para 2024, prevendo um crescimento de 4,6%, alta de 0,4 ponto percentual em relação à previsão publicada no relatório anterior. O Fundo justificou a melhora devido a bons resultados em 2023 - quando a China conseguiu atingir sua meta de crescimento de aproximadamente 5% - e também pelo aumento da capacidade do governo de lidar com desastres naturais. Mesmo com a melhora, o FMI fez uma ressalva em relação ao setor imobiliário do país, que vive uma crise de anos e ainda não conseguiu se recuperar plenamente, bem como às crescentes tensões geopolíticas.

Para os Estados Unidos a revisão foi de 0,6 p.p. para cima em 2024, resultando em taxa projetada de 2,1%. Certamente, ainda há fatores que atrapalham a economia americana, em especial o nível elevado das taxas de juro de curto prazo. Mas como o mercado de trabalho ainda vai bem, o esfriamento da inflação aumenta o poder de compra dos trabalhadores e o sentimento começa a melhorar, parece pouco provável que os gastos dos consumidores caiam nos próximos meses. Mesmo assim, um pouso suave para a economia parece estar muito próximo, devido às perspectivas de redução das taxas de juros nos próximos meses.

O bom desempenho americano conseguiu superar a perspectiva de redução no crescimento da Zona do Euro, onde o FMI estima que a alta da economia será de 0,9% neste ano, uma revisão de 0,3 ponto percentual em relação à projeção divulgada em outubro do ano passado.

A Zona do Euro segue pressionada pelo fraco desempenho da Alemanha. Depois de ter contraído 0,1% em 2023, a economia alemã -- a maior da Europa -- deve se recuperar lentamente este ano, com uma estimativa de crescimento de apenas 0,5%.

A previsão do FMI para a economia japonesa é de um modesto crescimento de 0,9%, queda 0,1 p.p. em relação à projeção de outubro. Muitos economistas predizem que qualquer recuperação da economia japonesa permaneça modesta. Diante do atual momento político e econômico global em que o crescimento ainda é lento em algumas partes do mundo, a China provavelmente limitará as exportações e os preços mais

elevados deverão pesar sobre os gastos dos consumidores, que naturalmente já têm uma tendência a poupança em situações de incerteza.

Mesmo com um cenário que aponta para um “pouso suave” da economia após sucessivos choques, o FMI alerta que o mundo ainda vive riscos que podem colocar essa trajetória positiva em xeque. Ressalta o Fundo que as tensões geopolíticas, especialmente no Oriente Médio, e o núcleo da inflação global - que exclui preços mais voláteis como alimentos e energia - podem causar retrocessos caso sejam subestimados.

Diante de um cenário positivo que pode ser revertido por novos choques, o FMI coloca o controle da inflação e a consolidação fiscal como elementos principais a serem levados em consideração para a manutenção da boa trajetória econômica em 2024, ressaltando que bancos centrais pelo mundo devem analisar com cuidado os movimentos sobre juros para não arriscar efeitos rebote.

Reformas estruturais específicas e cuidadosamente sequenciadas reforçariam o crescimento da produtividade e a sustentabilidade da dívida e acelerariam a convergência para níveis de rendimento mais elevados. É necessária uma coordenação multilateral mais eficiente, entre outras coisas, para a resolução da dívida, a fim de evitar o endividamento e criar espaço para os investimentos necessários, bem como para mitigar os efeitos das alterações climáticas. “A intensificação das reformas que melhorem a oferta facilitaria a redução da inflação e da dívida e permitiria um aumento sustentado nos padrões de vida”, disse o FMI no World Economic Outlook (WEO) de janeiro de 2024.

## **Cenário Nacional**

A economia brasileira desacelerou no segundo semestre após registrar alta de 3,8% no Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro semestre. As principais atividades reduziram o ritmo de crescimento, principalmente a agropecuária que impulsionou o PIB no primeiro

semestre.

A geração de emprego, redução do desemprego e a elevação da renda real pela queda da inflação -, principalmente pela queda dos preços dos alimentos no domicílio - ajudaram a manter o consumo das famílias em crescimento, que foi o destaque do PIB pelo lado da demanda. Portanto, a desaceleração do ritmo de crescimento no segundo semestre contribuiu para que o Brasil não registrasse uma taxa mais expressiva em 2023. Ainda assim, o crescimento do PIB de 2023 fez com que o país voltasse ao ranking das dez maiores economias do mundo.

As pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para os principais setores da atividade econômica ratificam esse processo de queda no ritmo de expansão da economia brasileira no segundo semestre.

No quarto trimestre, com base na pesquisa mensal do IBGE, a indústria brasileira apresentou crescimento de 1,1% no indicador da produção física em relação ao terceiro trimestre, após registrar estabilidade, em relação ao segundo trimestre.

Com o resultado, a produção industrial ultrapassa o patamar pré-pandemia (0,7%), acima de fevereiro de 2020; mas ainda se encontra 16,3% abaixo do nível recorde alcançado em maio de 2011. No indicador acumulado no ano, o setor acumulou variação positiva de 0,2% em 2023. Em 2022, havia fechado com queda de 0,7%. André Macedo, gerente da Pesquisa Industrial Mensal destaca que, no fechamento do ano de 2023, permaneceu a característica de predomínio de atividades industriais no campo negativo, uma vez que somente nove dos 25 ramos mostraram crescimento na produção.

Os destaques positivos foram registrados por indústrias extrativas, produtos derivados de petróleo e biocombustíveis e produtos alimentícios. Já entre as atividades com indicadores negativos destacam-se veículos automotores, produtos químicos, máquinas e

equipamentos, máquinas, aparelhos e materiais elétricos e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos.

Portanto, o resultado da indústria geral em 2023 foi puxado pelas indústrias extrativas – cujo crescimento é sustentado tanto pela extração de petróleo quanto de minérios de ferro. Já indústria de transformação, que teve a maior parte dos ramos industriais no campo negativo e fechou o ano com um recuo de 1,0%, queda mais intensa do que a verificada em 2022, quando havia recuado 0,4%. Entre as grandes categorias econômicas, no acumulado do ano, bem de capital registrou a maior queda, 11,1%; bens de consumo, 1,9%; e bens intermediários, 0,4%.

O volume de serviços no Brasil, no acumulado de 2023, fechou com alta de 2,3%, terceiro ano seguido de crescimento. Os serviços perderam fôlego, ao reduzirem a magnitude de crescimento de 3,1% em novembro para 2,3% em dezembro de 2023. Essa queda no crescimento fica evidente quando se compara o quarto trimestre com o terceiro, em que o setor registrou queda de 0,44%. Os dados são da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada pelo IBGE.

Com o acréscimo de 0,3% no mês de dezembro, o setor de serviços está 11,7% acima do nível de pré-pandemia (fevereiro de 2020) e 1,7% abaixo do ponto mais alto da série histórica (dezembro de 2022). A última vez que o setor de serviços havia crescido por três anos consecutivos foi no período de 2012 a 2014, quando acumulou um ganho de 11,3%.

No triênio mais recente, de 2021 a 2023, a expansão foi ainda mais expressiva, com avanço de 22,9%. Cabe destacar, contudo, que o crescimento de 2,3% observado em 2023 foi o menos intenso da sequência. Em 2021, a alta foi de 10,9%, enquanto em 2022, de 8,3%.

Em 2023, quatro das cinco atividades da PMS tiveram taxas positivas, acompanhadas por crescimento em 55,4%. Entre os setores, destacaram-se os serviços de informação e

comunicação, com alta de 3,4%, e de profissionais, administrativos e complementares, com expansão de 3,7%. “O que colocou o setor de serviços em patamares elevados foram, principalmente, atividades que se fortaleceram no contexto do pós-pandemia. Houve, por exemplo, aumentos consideráveis nos serviços voltados às empresas, notadamente os serviços de TI”, esclarece Rodrigo Lobo, gerente da pesquisa.

Nesse contexto, o pesquisador também destaca o transporte rodoviário de carga, que influenciou a alta de 1,5% nas atividades de serviços de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio. “É um segmento que cresceu, num primeiro momento, na esteira do aumento do comércio eletrônico e que ganhou novos impulsos com a expansão da produção agrícola, na medida em que se cria a necessidade de transporte de insumos, como adubos e fertilizantes, além de operar o próprio escoamento da colheita”.

A atividade de serviços prestados às famílias, com crescimento de 4,7%, fecha as atividades em expansão. Apenas o setor de outros serviços teve resultado negativo, com queda de 1,8%.

Conforme explica o gerente da PMS, “o resultado de 2023 seguiu a tendência observada em 2022. Com a retomada pós-isolamento da pandemia, há uma redistribuição da renda disponível das famílias, com redução das aplicações financeiras e aumento do consumo de bens e serviços, que estavam mais represados nos períodos de maior incerteza”.

O índice de atividades turísticas da PMS teve alta no acumulado de 2023, apresentou crescimento de 6,9% com dez dos 12 locais investigados em alta, principalmente São Paulo (6,5%), seguido por Rio de Janeiro (11,5%), Minas Gerais (15,0%), Bahia (11,4%) e Paraná (10,0%). Ceará (-3,2%) e Distrito Federal (-1,1%) apontaram os resultados negativos.

Uma surpresa negativa foi à queda das vendas do comércio varejista no país na

passagem de novembro para dezembro de 1,3%. É o segundo resultado efetivamente negativo para 2023, e o de maior amplitude. Ainda em comparação com os últimos quatro anos, dezembro de 2023 registrou o menor resultado negativo.

Em relação a dezembro de 2022, o volume de vendas do varejo variou 1,3%, sétimo mês consecutivo de resultados positivos nesse indicador.

No quarto trimestre em relação ao terceiro, o comércio varejista se retraiu 0,41%. Apesar disso, o varejo encerrou o ano no campo positivo, acumulando 1,7%, resultado superior a 2022 (1,0%). Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada IBGE.

“No ano anterior, o resultado havia sido de 1,0% de crescimento, portanto, em 2023, observamos um resultado maior que em 2022, mantendo a tendência de seis anos consecutivos de crescimento. Também setorialmente, falando em varejo ampliado, observamos uma disseminação de resultados positivos, com apenas quatro das 11 categorias no campo negativo”, avalia o gerente da pesquisa, Cristiano Santos.

Sete das onze atividades pesquisadas no âmbito do varejo ampliado fecharam o ano no campo positivo. Pelo lado negativo, as quatro atividades que sofreram queda em 2023 foram: Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-10,9%), Tecidos, vestuário e calçados (-4,6%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-4,5%) e Material de construção (-1,9%). No varejo ampliado em 2023, Veículos e motos, partes e peças teve alta de 81,%, e Material de construção baixa de 1,9%.

Santos pontua que a análise das categorias que caíram apresentem justificativas bem específicas. “A queda de 10,9% em Outros artigos de uso pessoal e doméstico é muito ligada à questão da crise contábil de grandes marcas do setor de lojas de departamento. Já em tecidos, vestuário e calçados, é uma tendência que se inicia depois da pandemia, já é o segundo ano seguido de quedas, o que também tem a ver com a mudança de

comportamento de consumo. Crescimento do varejo ao longo de 2023 foi influenciado pelas atividades ligadas ao crescimento da renda, enquanto os ligados ao crédito tiveram um ano com ritmo mais fraco”.

Para 2024, há um otimismo mais disseminado no setor. Segundo a Sondagem do Comércio do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV/IBRE), as empresas consultadas sobre suas expectativas, apontaram resultados para otimismo em relação ao ambiente de negócios, principalmente nas atividades comerciais relacionadas à renda, em que 53,5% preveem um ambiente de negócios positivo, em razão da gradual melhora dos indicadores macroeconômicos e de emprego e renda, além da queda dos juros e da inflação.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado pelo IBGE, mostrou que a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas registrou novo recorde em 2023, totalizando 315 milhões de toneladas. O resultado supera em 19,8% a safra obtida em 2022. A área colhida de 78 milhões de hectares representou um crescimento de 6,3% (4,6 milhões de hectares a mais) em relação à área colhida em 2022. O aumento de área, bem como a melhoria da produtividade das culturas de soja, milho, algodão e sorgo explicam o bom desempenho, com destaque para as produções de algodão, soja e milho.

Cabe ressaltar, a resiliência dos setores, mesmo diante de uma conjuntura ainda desafiadora, com taxas de juros elevadas, continuidade do conflito Rússia-Ucrânia, embora com inflação em queda e as políticas de transferências de renda mantendo o consumo das famílias e impulsionando o mercado de trabalho com contínua geração de emprego formal.

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, coletados das empresas e que abarcam o setor privado com carteira assinada, o Brasil criou em 2023, 1.483.598 postos de trabalho com

carteira assinada, queda de 26.31% em comparação com 2022, quando foram criados 2.013.261. O resultado considera 23.257.812 admissões e 21.774.214 desligamentos no período.

O setor de serviços foi o que mais contratou ao longo do ano, com 886.256 postos de trabalho criados. As áreas de serviços que tiveram mais destaque foram informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas e administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais. O comércio foi o segundo grupo com maior crescimento de vagas. Foram criadas 276.528 vagas. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o dado é justificado pela aceleração do setor no quarto trimestre, com destaque para supermercados, minimercados e comércio de combustíveis.

O Ministério do Trabalho também informou que o salário médio de admissão foi de R\$ 2.026,33 em dezembro, com leve redução de R\$ 6,52 quando comparado com o valor corrigido de novembro, de R\$ 2.032,85. Na comparação com o mesmo mês de 2022, o ganho real foi de R\$ 40,17, alta de 2%.

Essa geração de empregos formais se refletiu na taxa de desocupação que encerrou o quarto trimestre de 2023 em 7,4%, uma queda de 0,3 p.p. na comparação com o terceiro trimestre. Com o resultado, a taxa média anual do índice foi de 7,8% em 2023, o que representa uma retração de 1,8 p.p. frente a de 2022, quando marcou 9,6%. Os dados são da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE.

“A queda da taxa de desocupação ocorreu fundamentalmente por uma expansão significativa da população ocupada, ou seja, do número de pessoas trabalhando, chegando ao recorde da série, iniciada em 2012”, explica a coordenadora de Pesquisas por Amostra de Domicílios do IBGE, Adriana Beringuy.



O resultado anual é o menor desde 2014, confirmando a tendência já apresentada em 2022 de recuperação do mercado de trabalho após o impacto da pandemia de covid-19. O patamar está próximo do início da série histórica, em 2012, quando a taxa média foi de 7,4%. A menor taxa da série foi em 2014, com 7,0%.

A população desocupada média de 2022 para 2023 registrou redução de 17,6%, chegando a 8,5 milhões de pessoas. Por outro lado, a população ocupada média voltou a bater recorde da série e chegou a 100,7 milhões de pessoas em 2023, resultado 3,8% acima de 2022. Em relação à média de 2012 (89,7 milhões de pessoas), representa um aumento de 12,3%.

O valor anual do rendimento real habitual foi estimado em R\$ 2.979, um aumento de 7,2% (ou R\$199) na comparação com 2022. O resultado chega perto do maior patamar da série, em 2014 (R\$ 2.989). Já o valor anual da massa de rendimento real habitual chegou a R\$ 295,6 bilhões, o maior da série, com alta de 11,7% (mais R\$ 30,9 bilhões) em relação a 2022.

Diante de um leve avanço na indústria geral e de quedas no comércio varejista e nos serviços, o resultado do PIB do quarto trimestre veio em linha com o desempenho desses setores. Dados divulgados pelo IBGE mostraram que o PIB apresentou estabilidade no quarto trimestre de 2023 em relação ao terceiro. Mesmo resultado registrado no terceiro em relação ao segundo trimestre.

Pela ótica da oferta, indústria (1,3%) e serviços (0,6%) apresentaram taxas positivas, enquanto a agropecuária caiu 5,3%, como era esperado e registrou a segunda queda consecutiva. O IBGE ponderou que safras importantes, como as de soja e milho, estão concentradas no primeiro semestre, o que ajuda a explicar o resultado negativo.

Pela ótica da demanda, da Formação Bruta de Capital Fixo e o Consumo do Governo cresceram a mesma taxa de 0,9%, enquanto Consumo das Famílias apresentou variação negativa (-0,2%). Em relação ao setor externo, as Exportações de Bens e Serviços ficaram praticamente estáveis (0,1%) e as Importações de Bens e Serviços tiveram alta de 0,9% nessa comparação.

Em relação ao quarto trimestre de 2022, a Agropecuária registrou estabilidade, o que pode ser explicado pelo desempenho negativo de alguns produtos que possuem safra relevante no trimestre e pela alta produtividade. Entre os produtos agrícolas cujas safras são significativas no quarto trimestre podemos destacar: trigo (-22,8%), laranja (-7,4%), mandioca (5,1%) e cana (14%).

A Indústria avançou 2,9% e os principais destaques foram: Indústrias Extrativas, que cresceram 10,8%, a atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto, (8,7%), influenciado pelas altas temperaturas do período. A atividade de Construção avançou 0,9% no trimestre. A Indústria de Transformação teve resultado negativo de 0,5%. Os Serviços cresceram 1,9% na comparação com o mesmo período de 2022.

Dentre os componentes da demanda interna no quarto trimestre de 2023, o Consumo das Famílias cresceu 2,3%, favorecido pela continuidade da melhora no mercado de trabalho, arrefecimento da inflação e programas governamentais de transferência de renda. O Consumo do Governo (3,0%) também teve elevação no período. A Formação Bruta de Capital Fixo teve queda de 4,4% no quarto trimestre de 2023, justificado pela queda tanto da produção interna quanto da importação de bens de capital.

No setor externo, as Exportações de Bens e Serviços cresceram 7,3% enquanto as Importações de Bens e Serviços recuaram 0,9% no quarto trimestre de 2023. Entre os produtos exportados, os destaques foram de agricultura; extrativa mineral; derivados de petróleo; e produtos alimentícios. Dentre as importações, as maiores quedas foram:

produtos químicos; derivados de petróleo; produtos farmacêuticos; e máquinas e equipamentos.

Diante desses resultados, o PIB do quarto trimestre de 2023 em relação ao mesmo do ano passado avançou 2,1%, apresentando o 12º resultado positivo consecutivo nessa comparação.

No acumulado do ano de 2023, o crescimento da economia brasileira foi mais alto do que o esperado pelo mercado no início do ano, que apontava um PIB anual de apenas 1%. Durante 2023, o PIB foi impulsionado principalmente pelo resultado do agronegócio. O desempenho da atividade econômica no ano foi bastante desigual, concentrada no primeiro semestre e com forte queda dos investimentos ao longo dos trimestres.

O PIB do país apresentou estabilidade no quarto trimestre de 2023 e encerrou o ano com crescimento de 2,9%, totalizando R\$ 10,9 trilhões. A atividade Agropecuária cresceu 15,1% de 2022 para 2023, houve crescimento também na Indústria (1,6%) e em Serviços (2,4%). Já o PIB per capita alcançou R\$ 50.194, um avanço, em termos reais, de 2,2% em relação a 2022. Os dados são do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais, divulgado pelo IBGE.

O resultado recorde da Agropecuária, superando a queda apresentada em 2022, teve influência do crescimento da produção e do ganho de produtividade da Agricultura. "Esse comportamento foi puxado muito pelo crescimento de soja e milho, duas das mais importantes lavouras do Brasil, que tiveram produções recorde", explica Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

No caso da indústria, o IBGE destacou a influência positiva do setor extrativo. Essa atividade teve alta de 8,7% no ano, por causa do aumento da extração de petróleo, gás natural e minério de ferro. A agropecuária e o setor extrativo têm grande impacto do

mercado externo.

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias avançou 3,1% em 2023. A alta havia sido de 4,1% em 2022. O crescimento do consumo no ano passado teve influência da melhora do mercado de trabalho, com aumento da ocupação e da massa salarial, além da redução da inflação, principalmente do grupo de alimentos e bebidas. O nível elevado dos juros, por outro lado, representou um entrave para um avanço maior desse indicador.

Outro componente da demanda que costuma sentir o impacto dos juros é o dos investimentos produtivos na economia, medidos pela Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que registrou queda de 3%. Foi a maior redução dos investimentos desde 2016 (-12,1%), quando o Brasil estava em recessão. O que puxou a taxa de investimento para baixo em 2023, de 16,5% do PIB, menor que em 2022. A taxa de poupança, por sua vez, ficou em 15,4% em 2023 (ante 15,8% no ano anterior).

Em linhas gerais, os números do PIB de 2023 trazem otimismo, mas ainda estão longe de denotar um crescimento estruturalmente robusto da economia. Haja vista o impulso altamente associado à agropecuária e ao consumo das famílias pela força do mercado de trabalho, às transferências de renda do governo e à desaceleração da inflação, enquanto os investimentos seguem deprimidos, diante de uma política monetária restritiva e da incerteza em relação à geopolítica mundial.

Para o PIB de 2024, a expectativa, por ora, é de desaceleração. Analistas do mercado projetam um avanço de 1,77%, segundo a mediana da edição do boletim Focus (publicada, em 5 de março, pelo BC). As estimativas vêm subindo nas últimas semanas. Ao final de 2023, por exemplo, o mercado esperava um crescimento menor, de 1,52%, para o PIB de 2024. Neste ano, a atividade econômica não deve contar com o mesmo impulso da agropecuária, já que os fenômenos climáticos atuais afetam negativamente a produção no campo.

Os juros, por outro lado, estão em ciclo de queda. O corte da taxa de juros Selic é visto como possível estímulo para o consumo e os investimentos em 2024. O crescimento dos investimentos está ligado ao desempenho da construção e à indústria de transformação.

Além disso, a Selic em trajetória de queda, a manutenção do mercado de trabalho aquecido e os estímulos fiscais por parte do governo federal devem ser os principais responsáveis pelo crescimento do consumo das famílias.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) está mais otimista com o Brasil e vê o país crescendo 1,7% neste ano, contra projeção anterior de 1,5%, conforme a atualização, em janeiro, do seu relatório Perspectiva Econômica Mundial (WEO, na sigla em inglês), ainda assim, a economia brasileira deve desacelerar frente a 2023.

Assim exprime o FMI em seu relatório: “a melhoria nas projeções para o Brasil reflete, em grande parte, os efeitos de políticas de transferência de renda e de uma demanda interna mais forte do que o esperado e de um crescimento superior ao previsto nas grandes economias parceiras comerciais em 2023”.

## **Cenário Estadual**

Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica da Bahia no quarto trimestre de 2023 apresentou resultados positivos na indústria geral, comércio varejista, serviços e na produção de grãos, em comparação com o mesmo trimestre de 2022. As exportações no mesmo período registraram queda.

A expansão do comércio e dos serviços foi impulsionada pela geração de empregos,

Bolsa Família mais elevado, o aumento da renda disponível para a faixa de até dois salários mínimos pela isenção do imposto de renda, a entrada em vigor do programa Desenrola Brasil e o alívio da inflação, principalmente do grupo alimentos e bebidas.

A conjuntura externa, ainda pouco favorável, reduziu a demanda de commodities. A magnitude da redução acompanhou as vendas externas durante todo o ano, tendo em vista a base de comparação elevada, da queda de preços, da política monetária restritiva mundial, além da incerteza sobre os rumos da guerra Rússia-Ucrânia, o que afetou negativamente as exportações.

A indústria baiana, com base no indicador da produção física, ajustado sazonalmente, registrou aumento de 6,0% no quarto trimestre de 2023 e em relação ao terceiro trimestre, registrou queda de 9,6%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Depois de três trimestres de queda, a indústria geral da Bahia voltou a crescer no último trimestre do ano em relação a 2022, com taxa de 7,0%, devido a uma base de comparação baixa e à expansão das atividades de Derivados de petróleo (24,2%), Alimentos (4,8%) e Produtos de borracha e de material plástico (4,9%).

Em 2023, a indústria baiana caiu 1,8% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise das atividades, observa-se que a maioria apresentou taxas negativas - destaque para a indústria extrativa com o principal impacto negativo para a indústria baiana de -22,2%. O setor teve suas atividades paralisadas em dezembro de 2022 por questões de segurança, e retomadas em maio, o que impactou negativamente a extração de petróleo e gás durante todo o ano de 2023. Além dessas atividades, outras também apresentaram resultados negativos como: Produtos químicos (10,3%); Celulose e papel, que recuou 5,3% e Metalurgia (3,9%), essas duas últimas em razão de paradas técnicas programadas ou não.

As perspectivas para o ano de 2024 são de crescimento na produção dos setores mais tradicionais. Alimentos e bebidas têm sido beneficiados pelo aumento da massa de

rendimento da população ocupada. A recuperação de setores voltados ao mercado externo depende da melhora do ambiente geopolítico que promova uma política econômica mais expansionista nos países desenvolvidos.

No quarto trimestre de 2023, o crescimento do comércio foi de 4,4% em relação a igual trimestre do ano anterior, já no sazonal houve estabilidade. O comportamento do varejo ligado a crédito e a disponibilidade de renda podem explicar a trajetória do setor no trimestre em questão. O primeiro engloba bens duráveis, como móveis, eletrodomésticos e veículos, enquanto o segundo contempla itens mais essenciais, como alimentos, artigos farmacêuticos e combustíveis. Nesse âmbito, as políticas de incentivos do governo federal podem aumentar ou reduzir a disparidade da trajetória dos segmentos diretamente influenciados por essas variáveis.

Na análise do acumulado do ano, observa-se que o varejo restrito manteve o crescimento nas vendas. A expansão de 4,8% foi influenciada pelos segmentos de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (13,0%), Combustíveis e lubrificantes (12,2%), Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (6,4%), Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (5,0%).

Móveis e eletrodomésticos (1,5%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-14,5%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-10,6%) e Tecidos, vestuário e calçados (-4,2%) apresentaram comportamento negativo nas suas vendas.

O volume de serviços na Bahia quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 5,6%. Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para as atividades de Serviços de informação e comunicação (14,9%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por Serviços profissionais, administrativos e complementares (13,3%), depois Serviços prestados às famílias (3,6%), e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (1,1%). Por outro lado, apenas, Outros serviços (11,1%) recuou.

O volume de serviços da Bahia, no acumulado do ano de 2023, avançou 6,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de expansão iniciada no segundo trimestre (6,6%) de 2021. Quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para as atividades de Serviços de informação e comunicação (13,8%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por Serviços profissionais, administrativos e complementares (9,0%), Serviços prestados às famílias (7,8%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (3,7%). A atividade de Outros serviços (-0,3%) retraiu.

A produção agrícola estimada pelo IBGE e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) aponta para o quarto ano consecutivo de produção recorde de grãos no estado. Para a Conab, a produção baiana de grãos superou os 13 milhões de toneladas na temporada 2022/2023, representando alta de 10,9% em relação ao ciclo 2021/2022. O IBGE, por sua vez, indicou produção de 12,1 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas produzidas na Bahia em 2023, representando um crescimento de 6,9% na comparação com a safra de 2022.

No quarto trimestre de 2023, as exportações alcançaram US\$ 3,21 bilhões com queda de 3% em relação ao mesmo período do ano anterior – desempenho que ocorreu ao longo de todos os trimestres do ano. Já as importações fecharam o quarto trimestre a US\$ 1,74 bilhão, com queda de 26,4%, segundo pior desempenho do ano, só sendo superado pelo terceiro trimestre.

No acumulado do ano, as vendas externas do estado alcançaram US\$ 11,32 bilhões, um recuo de 18,7%, bem abaixo dos US\$ 13,92 bilhões do ano anterior, impactadas tanto por conta do efeito preço, quanto pelo efeito quantum. Com quedas médias em seus preços de 12,1%, mas também, por uma redução no volume embarcado de 7,5%.

As importações atingiram US\$ 8,51 bilhões, 25% abaixo do ano anterior. Nas compras externas houve queda de volume e de preços médios, que recuaram 6,2% e 20,1%,



respectivamente. O resultado foi uma queda mais expressiva no desembolso com importações, reflexo da falta de dinamismo da atividade econômica.

O saldo comercial do estado cresceu 9,2%, alcançando US\$ 2,80 bilhões, favorecido pela redução maior das importações do que as exportações. Por sua vez, a corrente de comércio, soma de exportações e importações e considerado o principal indicador da dinâmica do comércio exterior, alcançou US\$ 19,8 bilhões, com queda de 21,6% no comparativo interanual.

A resiliência da atividade econômica se refletiu no mercado de trabalho. Em 2023, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o montante de empregos formais no estado se ampliou, fruto do surgimento de 71.922 novos postos de trabalho. O saldo de 2023 foi inferior em 41,2% ao resultado de 2022, quando 122.455 postos de trabalho foram criados, com as declarações fora do prazo.

Com esse resultado, em 2023, o estado passou a contar com 1.973.471 vínculos celetistas ativos, uma variação de 3,78% sobre o quantitativo do ano anterior.

Segundo levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 12,7% no quarto trimestre de 2023. Trata-se de uma queda 0,8 p.p em relação ao mesmo trimestre de 2022. No ano a taxa de desocupação foi de 13,2%.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao quarto trimestre mostraram que os resultados positivos para a indústria geral, comércio varejista, serviços e geração de emprego formal contribuíram positivamente no Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia do quarto trimestre, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), que cresceu 2,6% quando comparado ao mesmo trimestre de 2022. Todos os setores registraram expansão: agropecuária, com taxa positiva de 6,6%, indústria com alta de 5,0% e serviços, com 1,3% nessa base de comparação.

Já na comparação com o terceiro trimestre de 2023, com ajuste sazonal, houve alta de 1,1%. No ano de 2023 a economia baiana registrou crescimento de 1,1%.

A principal contribuição para a expansão de 1,1% do PIB baiano em 2023 foi do setor agropecuário, o qual registrou crescimento acumulado de 5,2%. O setor de serviços, que possui o maior peso na estrutura econômica do estado, também contribuiu positivamente para o resultado positivo com expansão de 1,9%. Dentre as atividades de serviços, a maior variação foi observada em outros serviços (6,1%), com destaque para as atividades profissionais e a atividade de educação e saúde. As atividades imobiliárias cresceram 2,5% no ano, elevando sua participação no PIB.

Já o setor industrial apresentou queda de 1,7% no ano. O resultado negativo se deve às quedas das indústrias de transformação (2,9%), extrativas (8,5%) e construção civil (0,7%); somente o segmento de geração, distribuição e consumo de energia elétrica, gás e água registrou desempenho positivo dentro desse setor (4,7%).

As perspectivas para atividade econômica em 2024 são de crescimento moderado, devido à retração da Agropecuária impactada pelo fenômeno do El Niño desde fins de 2023, o que deve reduzir a safra anual de grãos em 9,1%, conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. Os Serviços devem continuar em um ritmo positivo de crescimento, respondendo às políticas de geração de empregos, elevação do poder de compra, queda da inflação e crescimento da massa real de rendimentos.

O setor industrial também deve apresentar resultados positivos, impulsionado pela fabricação de derivados de petróleo, bebidas e celulose. E também pelo crescimento mais forte da Construção, impulsionado pelos investimentos em infraestrutura, habitacional e social.

## AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento  
*carlajanira@sei.ba.gov.br*

### Cenário Brasil

A safra agrícola brasileira de 2023 foi beneficiada por condições climáticas mais favoráveis, repetindo o recorde como ocorreu com a safra de 2022. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)<sup>1</sup>, a colheita das culturas no Brasil aponta para uma produção de grãos de 320 milhões de toneladas <sup>2</sup>. O volume representa uma alta de 17,3% na comparação com a temporada 2021/2022. A área plantada estimada em 78,5 milhões de hectares correspondeu a um crescimento de 5,3%, em comparação com o ciclo anterior.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)<sup>3</sup>, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>4</sup>, mostra uma safra nacional de 315 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. A estimativa supera em 19,8% a safra obtida em 2022. A área colhida de 78 milhões de hectares representou um crescimento de 6,3% (4,6 milhões de hectares a mais) em relação à área colhida em 2022. O aumento de área, bem como a melhoria da produtividade das culturas de soja, milho, algodão e sorgo explicam o bom desempenho, com destaque para as estimativas da produção de algodão, soja e milho.

### Cenário Bahia

A produção agrícola estimada pelo IBGE e pela Conab aponta para o quarto ano consecutivo de produção recorde de grãos no estado. A demanda aquecida e os preços

<sup>1</sup> COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Séries históricas das safras. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras#gr%C3%A3os-2>. Acesso em: 21 fev. 2021.

<sup>2</sup> Estimativa em fevereiro de 2024.

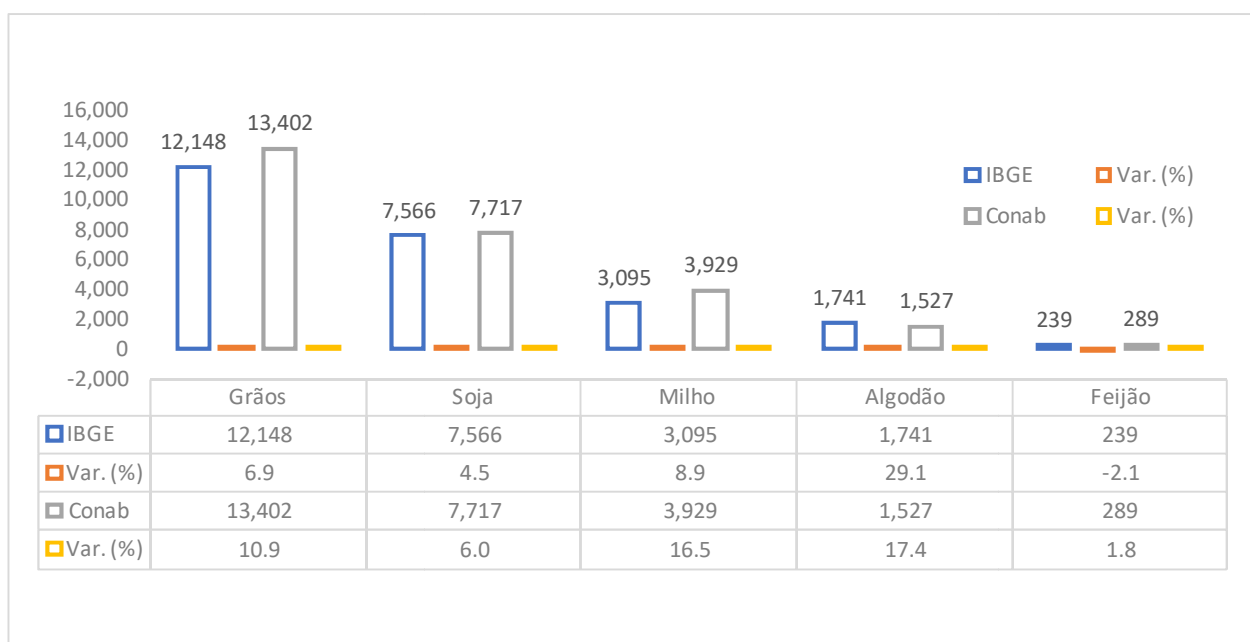
<sup>3</sup> LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag\\_2023\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_dez.pdf). Acesso em: 12 jan. 2024.

<sup>4</sup> Refere-se ao décimo segundo levantamento divulgado pelo IBGE que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

atrativos estimularam os produtores a ampliarem a área de plantio, principalmente nas lavouras de algodão (25,4%) e soja (4,5%).

Para a Conab<sup>5</sup>, a produção baiana de grãos superou os 13 milhões de toneladas na temporada 2022/2023, representando alta de 10,9% em relação ao ciclo 2021/2022. O IBGE<sup>6</sup>, por sua vez, indicou produção de 12,1 milhões de toneladas de cereais, oleaginosas e leguminosas<sup>7</sup> produzidas na Bahia em 2023, representando um crescimento de 6,9% na comparação com a safra 2022.

### Gráfico 1 Estimativas comparadas da safra de grãos Bahia - 2022/2023



Fonte: Conab (2024) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).

Elaboração: SEI/Dlistat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

<sup>5</sup> Os dados referem-se às estimativas de fevereiro de 2024, cujo ano agrícola vai de outubro do ano anterior a setembro de 2023.

<sup>6</sup> Refere-se ao décimo segundo levantamento divulgado pelo IBGE que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

<sup>7</sup> Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

De acordo com o LSPA do IBGE<sup>8</sup>, a produção de algodão (caroço e pluma) está estimada em 1,74 milhão de toneladas, e representa alta de 29,1% em relação a 2022. A área plantada com a fibra (364 mil hectares) superou em 25,4% a do ano passado. Nas áreas irrigadas no oeste do estado, a boa insolação e as baixas temperaturas noturnas favoreceram o desenvolvimento das lavouras. Ademais, o controle contra a infestação do bicudo foi bem executado, o que proporcionou maior produtividade agrícola.

O volume colhido da soja alcançou 7,57 milhões de toneladas, 4,5% acima do verificado em 2022. Dessa forma, a safra da oleaginosa deve atingir recorde pelo quarto ano consecutivo. A área plantada no estado ficou projetada em 1,9 milhão de hectares (4,5% acima do observado em 2022).

As duas safras anuais do milho somaram 3,09 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 8,9% na comparação anual. Com relação à área plantada (698 mil hectares), o IBGE apontou um decréscimo de 0,3% em relação à safra anterior. A estimativa da primeira safra anual foi de 2,35 milhões de toneladas, sendo 7,3% superior à de 2022. Por sua vez, para segunda safra (745 mil toneladas) houve avanço de 14,6% em relação à colheita do ano anterior.

A estimativa para a lavoura do feijão é de 239 mil toneladas, representando recuo de 2,1% na comparação com a safra de 2023. O levantamento manteve a estimativa de 417 mil hectares plantados, a mesma observada no ano anterior. A primeira safra da leguminosa (143,5 mil toneladas) foi 1,4% inferior à de 2022 e a segunda safra (95,3 mil toneladas) apontou variação negativa de 3,1%, na mesma base de comparação.

Com relação à área plantada de grãos, estima-se ampliação de 3,1% no ciclo 2022/2023, com área colhida de 3,76 milhões de hectares. Dessa forma, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas ficaria em torno de 3,59 t/ha.

A produção de algodão está estimada em 1,5 milhão de toneladas, plantada em 313 mil

---

<sup>8</sup> LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag\\_2023\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2023_dez.pdf). Acesso em: 12 jan. 2024.

hectares, o que representa um crescimento de 17,4% em relação ao ciclo 2021/2022.

A soja, ainda segundo a Conab, deve apresentar mais um ciclo de alta, em razão de uma área plantada 1,4% superior à da temporada passada. Com isso, a produção pode alcançar um novo patamar recorde de 7,72 milhões de toneladas na atual temporada, crescimento de 6,0% na comparação com a do ciclo anterior.

Com relação à safra de milho, a expectativa é de que a safra atual possa alcançar 3,9 milhões de toneladas. As principais contribuições provêm da primeira (2,85 milhões de toneladas) e da terceira (954 mil de toneladas) safra do cereal. Em seu conjunto, a produção de milho, no estado, apresenta previsão de crescimento de 16,5% em relação ao período anterior.

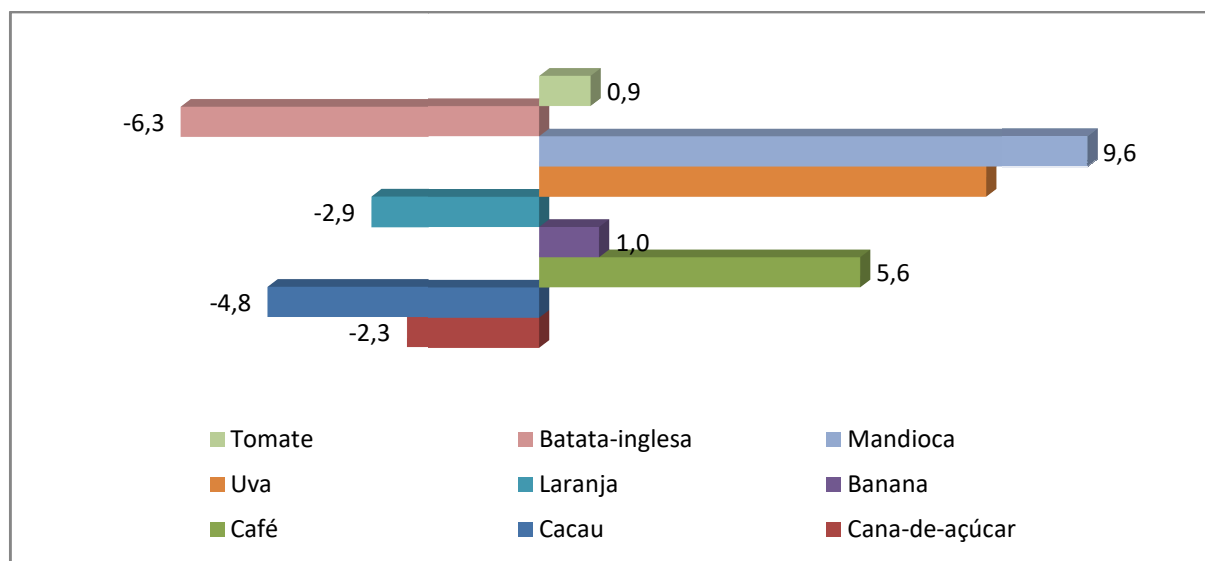
A expectativa de crescimento também está associada à produção de feijão, cujo volume de 289 mil toneladas (plantados em 432 mil hectares) representa crescimento de 1,8% em relação ao ciclo 2021/2022.

#### *Outras lavouras permanentes e temporárias*

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,47 milhões de toneladas, revelando queda de 2,3% em relação à safra 2022. A produção do cacau, que ficou projetada em 120 mil toneladas, também aponta uma queda de 4,8% na comparação anual.

Em relação ao café, está prevista a colheita de 247 mil toneladas este ano, 5,6% acima do observado no ano passado. A safra do tipo arábica está projetada em 101 mil toneladas, com variação anual negativa de 0,2%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora teve previsão de 146 mil toneladas, o que corresponde a um volume 9,7% acima do nível do ano anterior.

**GRÁFICO 2**  
**Varição percentual anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias**  
**Bahia - 2022/2023**



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2024).  
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

As lavouras de banana (914 mil toneladas), laranja (634 mil toneladas) e uva (66 mil toneladas), por sua vez, registraram, respectivamente, variações de 1,0%, -2,9% e 7,8%, em relação à safra anterior.

O levantamento ainda indicou uma produção de 938 mil toneladas de mandioca, 9,6% superior à de 2022. A produção de batata-inglesa, em 332 mil toneladas, apresenta recuo de 6,3%; e a do tomate, em 180 mil toneladas, aponta acréscimo de 0,9% na comparação com a do ano anterior.

### *Pecuária*

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE<sup>9</sup>, coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahia, foram abatidas aproximadamente 317 mil cabeças de bovinos no terceiro trimestre de 2023, que corresponde a uma alta de

20,0% na comparação com mesmo trimestre de 2022. No acumulado dos três primeiros trimestres, houve crescimento de 16,2% do indicador na comparação com mesmo período de 2022. Já o abate de suínos (78 mil cabeças) apresentou aumento na comparação anual (2,8%) e redução no acumulado de janeiro a setembro (-6,9%).

Os frangos abatidos no período somaram 32 milhões de cabeças, que representa recuo de 5,8% em relação ao terceiro trimestre de 2022. No período de janeiro a setembro foram abatidas 98 milhões de cabeças, o que corresponde a uma queda de 5,2% em relação a mesma base de comparação de 2022. A produção de ovos de galinha foi de 20 milhões de dúzias no terceiro trimestre de 2023. O resultado representou redução de 3,2% em relação ao mesmo período do ano anterior e no período de janeiro a setembro houve aumento de 2,1% em comparação ao mesmo período de 2022.

A aquisição de leite, por sua vez, alcançou 128 mil litros no terceiro trimestre, com crescimento de 8,0% em relação ao mesmo período do ano anterior. Na comparação janeiro a setembro, houve avanço de 1,0%.

## **PRODUÇÃO INDUSTRIAL**

Carla Janira Souza do Nascimento  
*carlajanira@sei.ba.gov.br*

Os efeitos da política monetária restritiva tanto no Brasil como nas grandes economias mundiais, a demanda doméstica fraca e a instabilidade do ambiente internacional, somados a conturbada geopolítica mundial com os conflitos no Leste Europeu e no Mar Vermelho, afetaram diretamente a transformação industrial no país. Porém, no último trimestre do ano, com o alívio da política monetária e a perspectiva de aumento de investimentos, a indústria brasileira apresentou crescimento de 1,1% no indicador da

---

<sup>9</sup> INDICADORES IBGE: estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, ago./set. 2023. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp\\_2023\\_3tri.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2023_3tri.pdf). Acesso em: 20 fev. 2024.



produção física em relação ao terceiro trimestre, após registrar estabilidade, em relação ao segundo trimestre.

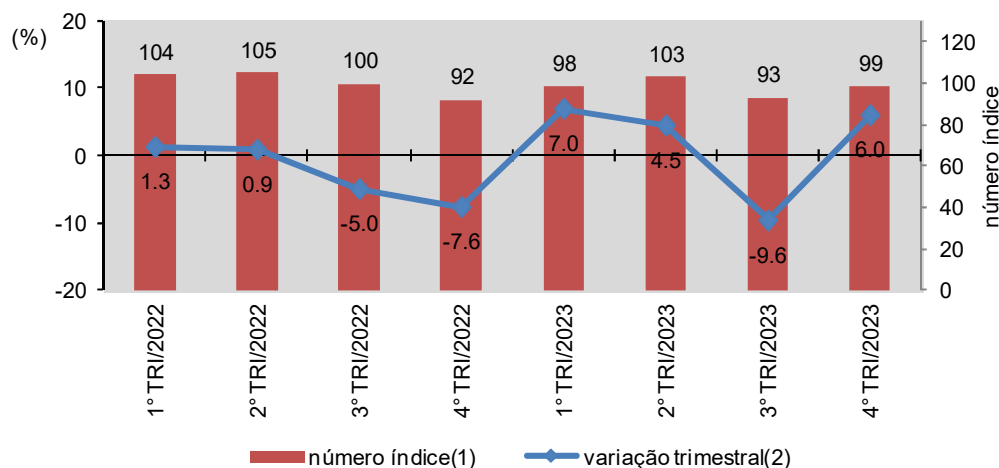
O aumento da produção industrial do país reflete a confiança dos empresários do setor que apresentou avanço no período. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV-IBRE) aumentou 5,1 pontos entre setembro e dezembro, para 95,6 pontos. Segundo o especialista Stéfano Pacini da FGV<sup>10</sup> “A alta de dezembro reflete a percepção de melhora dos empresários em relação a situação atual, reflexo de um aumento gradual da demanda e pelo movimento de redução no nível dos estoques que começam a se reaproximar do nível neutro”.

A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, registrou aumento de 6,0% no quarto trimestre, em relação ao terceiro trimestre, quando registrou queda de 9,6%, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM)<sup>11</sup>, ilustrados no Gráfico 1.

**Gráfico 1**  
**Produção física industrial (%)**  
**Bahia - 1º trimestre de 2022 - 4º trimestre de 2023**

<sup>10</sup> SONDAÇÃO DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, dez. 2023. Disponível em: [https://portalibre.fgv.br/system/files?file=2023-12/sondagem-da-industria-fgv\\_press-release\\_dez23\\_0.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files?file=2023-12/sondagem-da-industria-fgv_press-release_dez23_0.pdf). Acesso em: 19 fev. 2023.

<sup>11</sup> PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim\\_pfr\\_2023\\_dez.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2023_dez.pdf). Acesso em: 16 fev. 2023.



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024)

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Nota: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

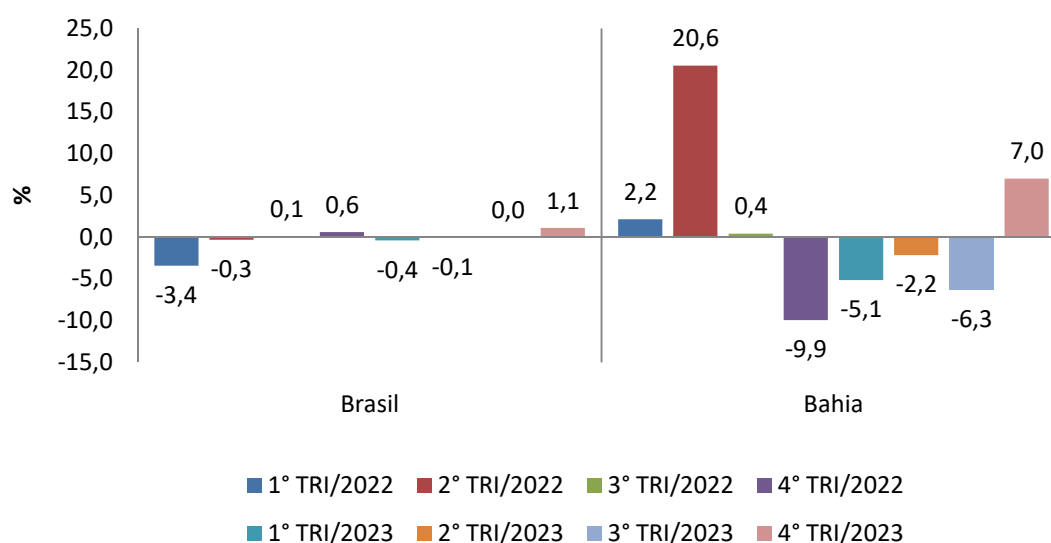
Nesse sentido, na comparação com o trimestre anterior, destacam-se os aumentos nos segmentos derivados de petróleo (13,4%), celulose e papel (4,8%) e metalurgia (5,5%)<sup>12</sup>.

Na comparação com igual trimestre do ano anterior, a produção física da indústria baiana reverteu a queda em relação ao terceiro trimestre, passando de -6,3% para 7,0% (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país registrou avanço de 1,1% após apresentar estabilidade por três trimestres consecutivos, respectivamente, com taxas de -0,4%, -0,1% e 0,0%, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A principal contribuição positiva no trimestre para o setor nacional veio de bens intermediários (2,3%), seguido por semiduráveis e não duráveis (2,7%). Para bens intermediários, destacam-se os avanços em produtos derivados do petróleo (7,2%), alimentos (4,9%) e têxtil (8,9%). E em bens de consumo semi e não duráveis, ressalta-se o aumento em abate de reses, exceto suínos (15,8%) e em álcool e gasolina (18,5%).

Na Bahia, por sua vez, destacam-se as melhorias em Derivados de petróleo (24,2%), Alimentos (4,8%) e em Produtos de borracha e de material plástico (4,9%). E em sentido

contrário, houve recuos nos setores Produtos químicos (-5,0%), Minerais não metálicos (-8,4%), Metalurgia (-7,6%) e Extrativa (-2,3%).

**Gráfico 2**  
**Produção física industrial**  
**Brasil e Bahia – 1º trimestre de 2022-4º trimestre de 2023**



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024).

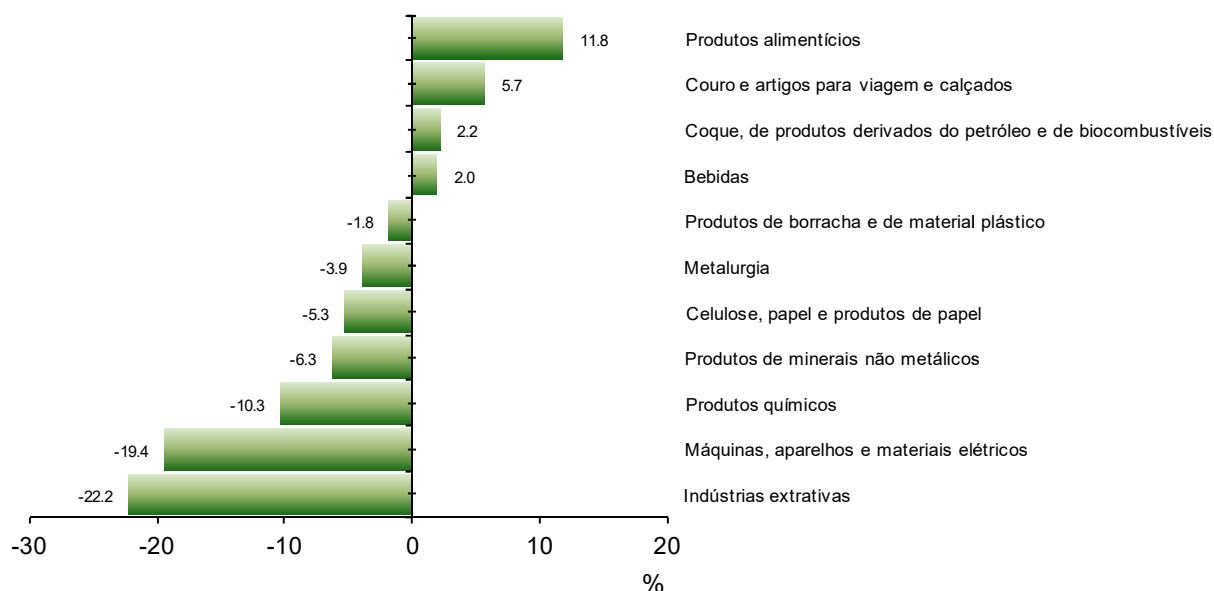
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

No período janeiro a dezembro de 2023, a indústria baiana retrocedeu 1,8% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Na análise dos segmentos observa-se que a maioria apresentou taxas negativas, conforme dados ilustrados no Gráfico 3.

**Gráfico 3**  
**Produção física da indústria por setores de atividade (%)**  
**Bahia – jan.- set. 2023**

<sup>12</sup> Elaboração própria do ajuste sazonal.



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2024)

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

A indústria extrativa apresentou o principal impacto negativo para a indústria baiana com taxa de -22,2% no período de janeiro a dezembro, principalmente em decorrência do recuo na produção de óleos brutos de petróleo e gás natural. O setor teve suas atividades paralisadas em dezembro de 2022 por questões de segurança, retomadas em maio, o que impactou a extração de petróleo e gás durante todo ano de 2023.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da indústria de transformação baiana (-0,3%) no período de janeiro a dezembro tem-se a indústria de Produtos químicos, que declinou 10,3% no período, em razão da menor produção de bens químicos de uso industrial. A falta de competitividade dos produtos químicos nacionais em razão dos elevados custos da principal matéria-prima, o gás natural, levou ao aumento das importações pelo mercado interno e, conseqüentemente prejudicou a produção do setor. Além disso, há também as baixas tarifas de importação e a indisponibilidade do Regime Especial da Indústria Química (Reiq) que contribuíram para reduzir ainda mais a competitividade do setor.

O setor de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos registrou recuo de 19,4%, atribuído, principalmente, a menor produção de equipamentos e aparelhos elétricos; geradores; e eletrodomésticos.

O segmento de Celulose e papel, que recuou 5,3% no período, foi impactado por parada programada para manutenção em unidade do setor no segundo trimestre do ano, resultando em queda na produção de pasta química de madeira. Do lado dos preços, houve alta do preço médio do segmento de papel e celulose de 5,1% no ano, de acordo com o Boletim de Comércio Exterior da Bahia (2024)<sup>13</sup>.

A redução no setor Metalúrgico deu-se, sobretudo pela menor produção de derivados de cobre, ferrossilício e ferrocromo. A produção do setor foi influenciada por parada programada e não programada de unidade do setor; e, pela menor demanda externa por produtos metalúrgicos, especialmente, derivados de cobre. No acumulado de janeiro a dezembro, as vendas externas do setor metalúrgico recuaram 34,5%, e os preços médios do setor retraíram 31,5%.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com queda de 1,8% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente pela queda na produção de pneus novos para automóveis e caminhões.

A produção de Minerais não metálicos caiu 6,3% no período. Houve recuo, principalmente, na fabricação de produtos cerâmicos; e artefatos de cimento ou concreto. O desempenho do setor reflete as incertezas dos empresários diante da conjuntura de aperto no mercado de crédito atrelado às elevadas taxas de juros que impactam o setor da construção. Todavia, a expectativa de mais lançamentos de empreendimentos

---

<sup>13</sup> DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, dez. 2023. Disponível em: [https://sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/bce/bce\\_dez\\_2023.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2023.pdf). Acesso em: 26 fev. 2024.

imobiliários subsidiados pelo governo federal e as medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) devem alavancar todo o setor da construção, estimulando a produção do segmento, nos próximos trimestres.

A principal contribuição positiva para o período veio da indústria de Alimentos atribuída, em especial, à maior produção de açúcar, carne bovina, óleo de soja, leite em pó e farinha de trigo. A demanda por alimentos acompanha a dinâmica do emprego e da renda, que registrou forte crescimento no quarto trimestre. Além disso, redução da taxa de inflação, principalmente de alimentos e bebidas (-0,39%), contribuiu para minimizar a perda de poder aquisitivo da população, estimulando as vendas de alimentos<sup>14</sup>.

O setor Derivados de petróleo registrou avanço na produção de 2,2%, principalmente pelo aumento no processamento de gasolina e óleo diesel. No quarto trimestre houve aumento no preço médio de venda de derivados de petróleo (9,1%)<sup>15</sup> após quatro trimestres consecutivos de queda.

Na indústria de Couro e calçados, o crescimento de 5,7% do setor deu-se especialmente pelo aumento na produção de calçados, influenciado pela expansão da demanda por esses produtos e pela melhora no rendimento das famílias.

A indústria de Bebidas cresceu em 2,0% no período, devido a maior produção de refrigerantes e águas minerais. A expectativa é de continuidade do aumento na produção nos próximos trimestres, motivado pelo crescimento da demanda durante o verão.

Para o primeiro trimestre de 2024, é esperada a manutenção do crescimento na produção dos setores mais tradicionais como alimentos e bebidas que têm sido beneficiados pelo

<sup>14</sup> No quarto trimestre houve crescimento de 8,2% no volume de vendas no varejo do segmento de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo em comparação com o mesmo trimestre de 2022, conforme a PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pmc/bahia>. Acesso em: 16 fev. 2023.

<sup>15</sup> DESEMPENHO do comércio exterior baiano. Boletim de Comércio Exterior da Bahia, Salvador, dez. 2023. Disponível em: [https://sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/bce/bce\\_dez\\_2023.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2023.pdf). Acesso em: 26 fev. 2024.

aumento da massa de rendimento da população ocupada. No decorrer do ano, a expectativa é de dinamização na atividade industrial à medida que os investimentos previstos sejam realizados e a proposta de reforma tributária seja efetivada.

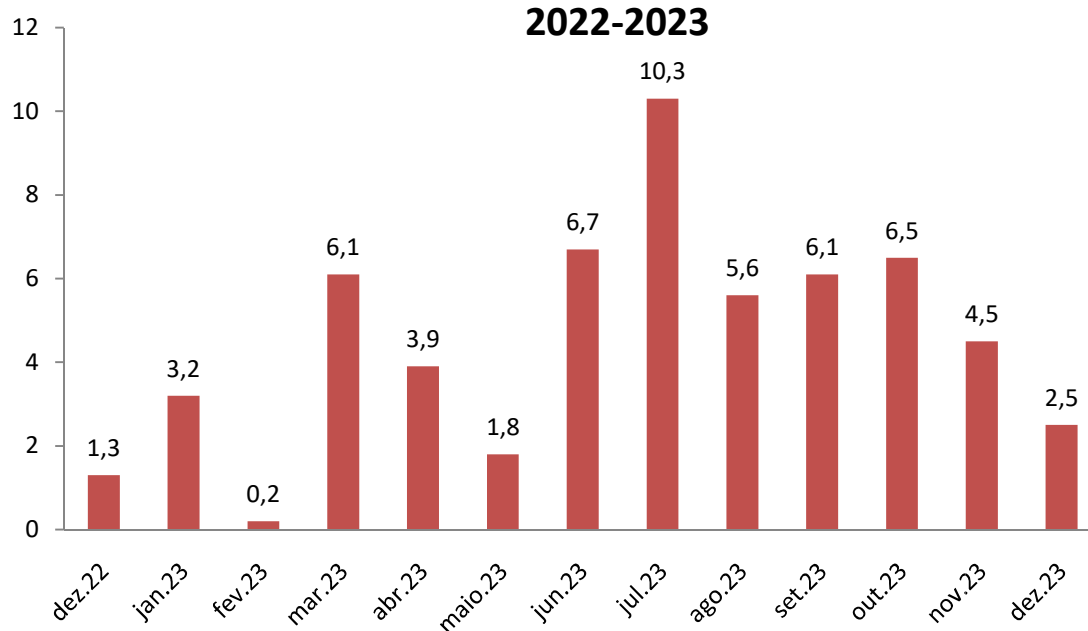
Por outro lado, o conturbado ambiente geopolítico que pode impactar o fluxo comercial é a principal incerteza para o crescimento mais sustentado da indústria baiana, somado ainda ao cenário interno com altas taxas de juros que atua no sentido contrário ao crescimento da indústria.

## **COMÉRCIO VAREJISTA**

Elissandra Alves de Brito  
*elissandra@sei.ba.gov.br*

Em 2023, as vendas do comércio varejista mantiveram trajetória crescente ao longo dos meses, apesar dos ritmos algumas vezes discrepantes. Em outubro, primeiro mês correspondente ao quarto trimestre, o volume de negócios registrou a variação de 6,5%, ao passo que em dezembro a taxa foi de 2,5%, na comparação a igual mês do ano anterior (GRÁFICO 1).

**Gráfico 1**  
**Volume de vendas do comércio varejista na Bahia:**  
**2022-2023**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023)

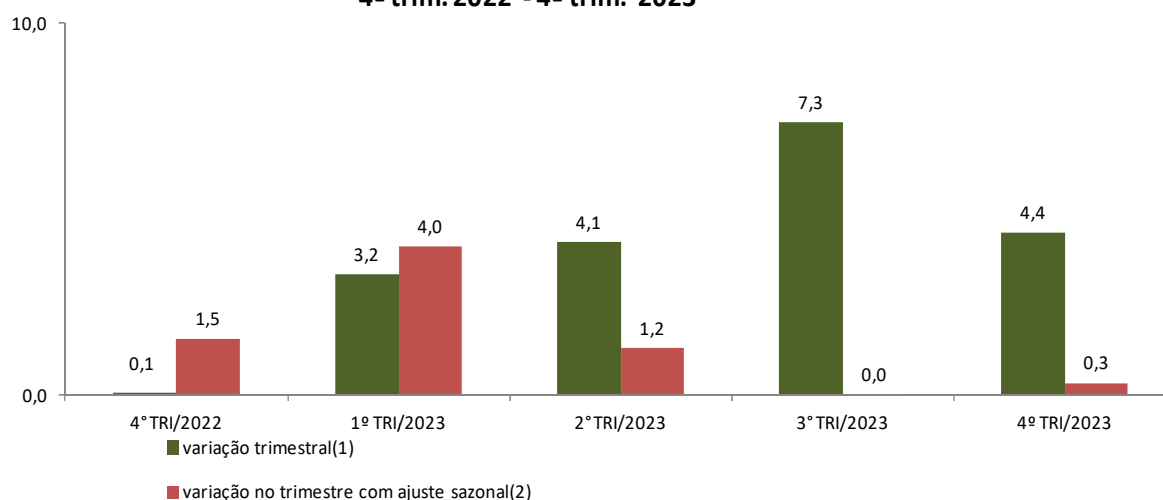
Elaboração: CAC/Distat/SEI

■ mensal

No quarto trimestre, o crescimento foi de 4,4% em relação a igual trimestre do ano anterior, já no sazonal houve estabilidade (GRÁFICO 2). O comportamento do varejo ligado ao crédito e ao da renda pode explicar a trajetória do setor no trimestre em questão. O primeiro engloba bens duráveis, como móveis, eletrodomésticos e veículos, enquanto o segundo contempla itens mais essenciais, como alimentos, artigos farmacêuticos e combustíveis. Nesse âmbito, as políticas de incentivos do governo federal podem aumentar ou reduzir a disparidade da trajetória dos segmentos diretamente influenciados por essas variáveis.



**Gráfico 2**  
**Volume de vendas do comércio varejista Bahia:**  
**4º trim. 2022 - 4º trim. 2023**



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio (2023)

Elaboração: SEI/Distat/CAC

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

Nesse aspecto, ao longo do ano, a confiança do consumidor de renda mais baixa, influenciada pelo dinamismo no mercado de trabalho, transferências governamentais em nível elevado e inflação sobre controle, contribuiu para manter a expansão nas vendas do setor. Embora, no quarto trimestre, apesar de positivo, o ritmo de crescimento dos negócios tenha arrefecido. Por outro lado, a queda na taxa de juros e os sinais de melhora do nível de endividamento das famílias brasileiras, embora ainda elevados, soam como novas perspectivas para o varejo, devendo impulsionar os segmentos ligados ao crédito.

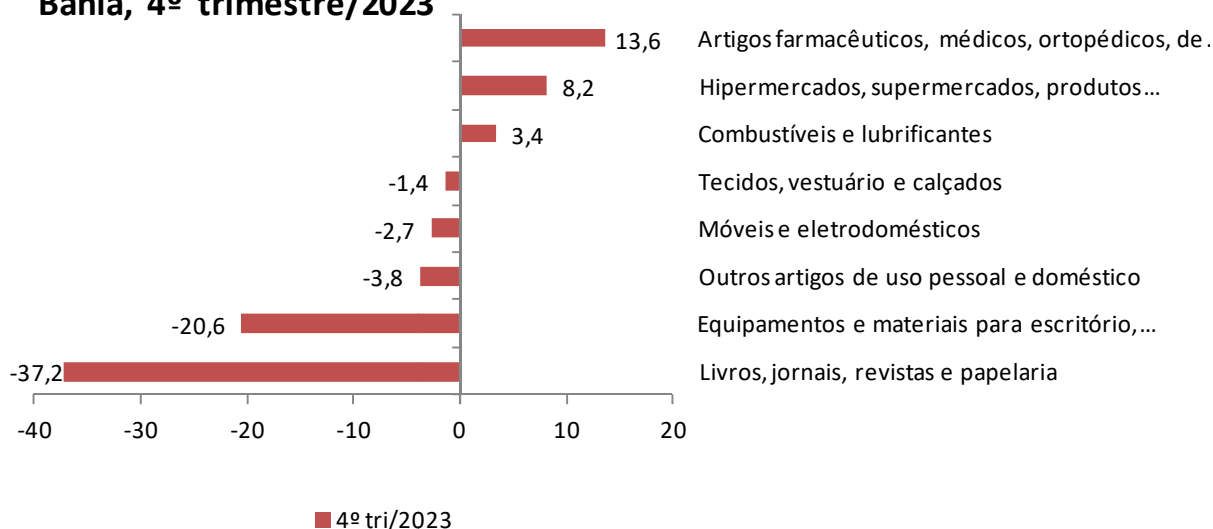
No quarto trimestre de 2023, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na série sem o ajuste sazonal, o crescimento do varejo baiano refletiu o comportamento de três dos oito segmentos que compõem o setor, são eles: *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (13,6%), *Hipermercados, supermercados, produtos*

*alimentícios, bebidas e fumo (8,2%) e Combustíveis e lubrificantes (3,4%). Já Tecidos, vestuário e calçados (-1,4%), Móveis e eletrodomésticos (-2,7%), Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-3,8%), Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-20,6%), e Livros, jornais, revistas e papelaria (-37,2%) registraram recuo nas vendas no período analisado (GRÁFICO 3).*

### Gráfico 3

#### Volume de vendas das atividades do comércio varejista\*

#### Bahia, 4º trimestre/2023



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio (2023)

Elaboração: SEI/Distat/CAC

\*Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior

Dentre as variações positivas, destaca-se o comportamento de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* por ser o segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista. Esse desempenho é resultado da deflação verificada no período. No subgrupo *hipermercados e supermercados* a expansão também foi de 8,2% nas vendas, na mesma base de comparação.

*Combustíveis e lubrificantes* também apresentou desempenho positivo no período. As

suas vendas foram fortemente influenciadas pela queda nos preços verificada nos meses de outubro (-1,20%), novembro (-3,57%) e dezembro (-0,72%). Em razão da deflação, esse segmento mostrou, nesse trimestre, expansão nas vendas da ordem de 3,4%.

Por outro lado, das contribuições negativas, destaca-se, dado a sua representatividade para o setor, o comportamento de *Móveis e eletrodomésticos* que recuo de 2,7% no trimestre analisado. Segmento bastante influenciado pela disponibilidade de crédito no mercado, tem no encarecimento do mesmo o seu principal entrave.

Nesse trimestre, os segmentos de *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* e de *Tecidos, vestuário e calçados* também registraram recuos. O primeiro, tradicionalmente responsável por comercializar bens de menor valor agregado, e bastante influenciado pelo comprometimento da renda do consumidor, encontra no elevado endividamento um entrave para o seu negócio, pois nessas condições os gastos com os bens considerados supérfluos são “cortados”. O segundo tem na elevação dos preços a principal explicação para o comportamento das suas vendas no período.

Na análise do acumulado do ano, observa-se que o varejo restrito mantém ritmo de crescimento nas vendas. A expansão de 4,8% foi influenciada pelos segmentos de *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (13,0%), *Combustíveis e lubrificantes* (12,2%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (6,4%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (5,0%), e *Móveis e eletrodomésticos* (1,5%). *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-14,5%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-10,6%), e *Tecidos, vestuário e calçados* (-4,2%) apresentaram comportamento negativo nas suas vendas (Tabela 1).

## **Tabela 1**

### **Volume de vendas do comércio varejista**

## Bahia, no acumulado do ano 2022 (¹)

Atividade	Ano
<b>Comércio Varejista</b>	4,8
1 - Combustíveis e lubrificantes	12,2
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	5,0
2.1 - Hipermercados e supermercados	5,1
3 - Tecidos, vestuário e calçados	-4,2
4 - Móveis e eletrodomésticos	1,5
4.1 - Móveis	-2,0
4.2 - Eletrodomésticos	5,6
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	6,4
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	13,0
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-14,5
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-10,6
<b>Atacado Selecionado e Outros (2)</b>	2,6
9 - Veículos, motocicleta, partes e peças	-0,9
10 - Materiais de construção	9,4
11 - Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,9

Fonte: IBGE - PMC

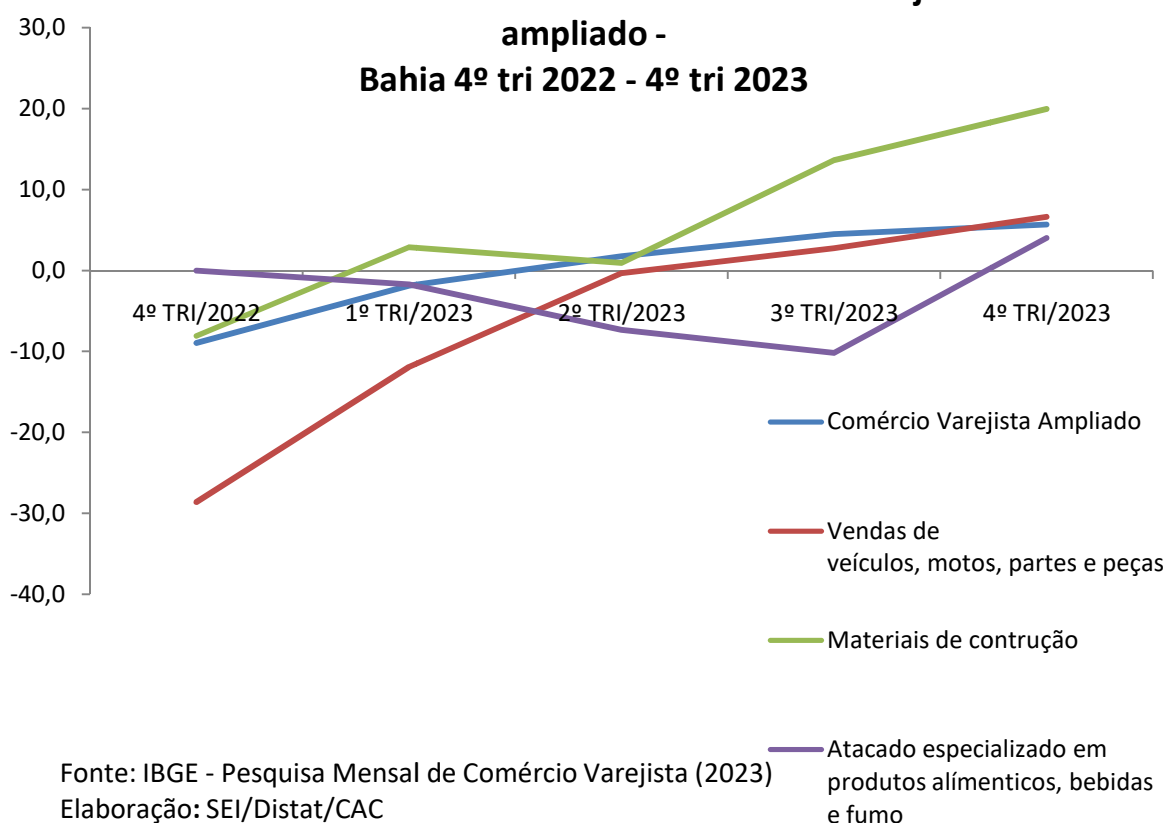
(1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 11

No comércio varejista ampliado denominado de *Atacado Selecionado e Outros* e que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças, Material de construção, e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* a expansão foi de 2,6%, em relação a igual período do ano anterior. Essa expansão nas vendas foi resultado do comportamento de *Material de construção* (9,4%). Em igual comparação, as taxas no país foram positiva em 2,4%, com destaque para *Veículos, motos, partes e peças* (8,1%), seguido por *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* (1,0%). Já *Material de construção* no sentido oposto ao do varejo baiano registrou taxa negativa de 1,9%.

No quarto trimestre, a taxa do ampliado na Bahia juntamente com os segmentos que o compõem foi positiva em 5,7%, sendo que *Veículos, motos, partes e peças, Material de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* registraram expansão de 6,6%, 20,0% e 4,0%, respectivamente (GRÁFICO 4).

**Gráfico 4 - Volume de vendas do comércio varejista  
ampliado -  
Bahia 4º tri 2022 - 4º tri 2023**



Nesse contexto, o segmento de *Material de construção* exerceu uma importante contribuição para o volume de vendas do comércio varejista. No acumulado do ano, o seu desempenho foi determinante, juntamente com os segmentos de *Combustíveis e lubrificantes*, e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, para a manutenção do crescimento das vendas no ampliado em 2023.

Tratando-se de um ramo influenciado pela renda e principalmente pelo crédito, *Material de construção* ao longo de 2023 teve no aumento do incremento das transferências de renda como reajuste do salário mínimo e o Bolsa Família mais elevado, queda da

inflação, geração de emprego e elevação real da massa salarial seus principais impulsionadores.

Já *Veículos, motos, partes e peças* refletiram comportamento negativo no ano, apesar da expansão nas vendas verificadas no trimestre. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas em razão das incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país, dos juros que apesar do ciclo de queda verificada em agosto, ainda permanecem alto e do elevado nível de endividamento, embora tenha registrado queda nos últimos meses.

Quanto a *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* a expansão (4,0%) ocorrida no trimestre, não se verificou no acumulado do ano (-3,9%). Sujeito às variações de preços dos alimentos no mercado, assim como a disponibilidade de renda do consumidor, esse segmento apresentou recuos sucessivos nas vendas ao longo do ano.

Nesse aspecto, os dados apresentados pela PMC em 2023 revelam que o varejo baiano ainda sente os efeitos de uma política monetária restritiva, a qual mantém juros altos e a prática do encarecimento de crédito. Ainda que a inflação se mostre “mais controlada”, o mercado de trabalho dê sinais de melhoria, e haja políticas de incentivo como o programa Desenrola Brasil.

Assim sendo, a expectativa de resultados satisfatórios para as vendas do setor no quarto trimestre com taxas de crescimento moderadas foram consolidadas. Entretanto, segundo dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o nível de endividamento de famílias baianas que recebem até 10 salários mínimos aumentou nos dois primeiros meses de 2024.

E de acordo com os dados do IBGE, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

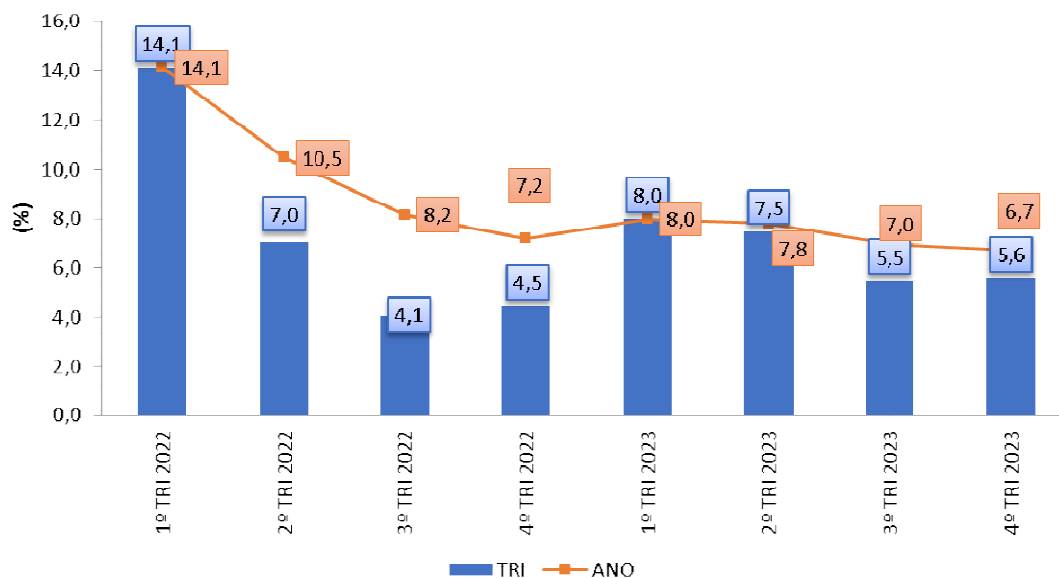
(IPCA) registrou em janeiro de 2024, para o grupo *Alimentos e bebidas* a taxa de 1,38% na Região Metropolitana de Salvador. Pressões sobre os preços dos alimentos se apresentam como fator inibidor para o varejo ligado a renda, favorecendo a desaceleração do ritmo de crescimento dos segmentos relacionados a essa variável. Dessa forma, a perspectiva para o comércio varejista baiano no primeiro trimestre de 2024 é que o volume de vendas cresça a taxas moderadas.

## SERVIÇOS

Rosângela Conceição  
[rosangela@sei.ba.gov.br](mailto:rosangela@sei.ba.gov.br)

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 5,6%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a décima primeira taxa positiva consecutiva, para esse tipo de comparação. Cabe destacar, que essa variação é superior a média nacional (-0,6%) (Gráfico 1).

Gráfico 1  
Volume de Serviços (1)(2)  
Bahia — 1º tri.- 4º tri. 2022/1º tri. 2023 - 4º tri. 2023



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

- (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.
- (2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para as atividades de Serviços de informação e comunicação (14,9%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por Serviços profissionais, administrativos e complementares (13,3%), depois Serviços prestados às famílias<sup>16</sup> (3,6%), e Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (1,1%). Por outro lado, apenas Outros serviços<sup>17</sup> (-11,1%) recuou.

O volume de serviços da Bahia, no acumulado do ano de 2023, avançou 6,7% em relação ao mesmo período do ano anterior, mantendo a tendência de expansão iniciada no

<sup>16</sup>Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

<sup>17</sup>Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.



segundo trimestre (6,6%) de 2021. Nessa análise, quatro das cinco atividades puxaram o volume de serviços para cima, com destaque para as atividades de Serviços de informação e comunicação (13,8%), que contabilizou a variação mais expressiva, seguida por Serviços profissionais, administrativos e complementares (9,0%), depois Serviços prestados às famílias (7,8%), Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (3,7%). Por outro lado, a atividade Outros serviços (-0,3%) retraiu. Vale ressaltar, que essa variação foi superior a média nacional (2,3%).

Na comparação nacional, 25 das 27 unidades contribuíram positivamente para o resultado do volume nacional (2,3%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram no Mato Grosso (16,4%), seguida por Paraná (11,2%), depois Tocantins (11,0%) e Paraíba (8,5%). Nessa comparação, a Bahia (6,7%) contabilizou a décima segunda posição entre as unidades da Federação e superior à média nacional. Em sentido oposto, Amapá (-2,2%) e São Paulo (-1,8%) puxaram o índice nacional para baixo.

Seguindo a mesma tendência do volume, confirmando o bom desempenho do setor, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência e sistematizadas pela SEI, no quarto trimestre de 2023, na Bahia, o setor de serviços incorporou 4.117 novos postos de trabalho com carteira assinada. Esse resultado é superior em relação ao ano de 2022, em que havia sido de 3.073 novos empregos celetistas. No acumulado entre janeiro e dezembro o setor contabilizou 47.795 novos empregos celetistas, saldo inferior aos 59.435 do ano de 2022.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de serviços no estado totalizou perto de R\$ 1,5 bilhão no quarto trimestre, com ampliação nominal de 60,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o que representa um aumento de mais de R\$ 563 milhões na arrecadação do estado, impulsionado, principalmente, pela atividade de

Serviços de Utilidade Pública (75,6%). No acumulado entre janeiro e dezembro o setor totalizou próximo de R\$ 6 bilhões, com ampliação nominal de 21,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, o que representa um aumento de mais de R\$ 986 milhões na arrecadação do estado.

Esse resultado alavancou o setor de Serviços (1,9%) em âmbito nacional, contribuindo para uma taxa de crescimento mais significativa na atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) nacional (2,1%). A Bahia, seguiu a mesma tendência, com o setor de Serviços contabilizando ampliação de 1,3%, e colaborou no resultado positivo do PIB (2,6%) no quarto trimestre de 2023 em relação ao mesmo período do ano de 2022. O crescimento de Serviços na Bahia foi favorecido pela alta das atividades imobiliárias (2,6%). Também contribuiu com o crescimento o aumento no volume do Comércio (0,6%). A atividade de outros serviços registrou expansão de 5,1%. Por outro lado, as atividades de Transportes (-2,6%) e administração pública (-1,9%), puxaram a atividade para baixo (SEI).

Conforme a Sondagem Empresarial da Fundação Getúlio Vargas (FGV)<sup>18</sup>, ao longo do ano de 2023, a confiança do setor de serviços alternou o ritmo. No primeiro trimestre registrou queda que parecia muito associada a uma nova onda da pandemia. A confiança avançou nos trimestres seguintes (segundo e terceiro) com boa influência dos serviços prestados às famílias e do segmento de transportes, justamente os que tinham sido mais afetados com as restrições de circulação. Já no quarto trimestre a confiança do setor de serviços voltou a registrar queda no mês de dezembro e encerrou o último trimestre do ano devolvendo os ganhos obtidos no segundo e terceiro trimestres.

“A confiança para o setor de serviços piora no mês de fevereiro. O resultado ratifica a percepção de perda de fôlego do setor sobre a situação atual observada desde o segundo semestre de 2023. Apesar disso, nota-se certa resiliência na demanda. Em relação ao

---

<sup>18</sup>

SONDAGEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, outubro 2023. Disponível em:

[https://portalibre.fgv.br/system/files/2023-10/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV\\_press%20release\\_Out23\\_0.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files/2023-10/Sondagem%20de%20Servicos%20FGV_press%20release_Out23_0.pdf) >. Acesso em: 27 novembro 2023.

futuro, o resultado do mês apresenta cautela dos empresários após a forte melhora das expectativas em janeiro passado. É cedo para esperar um ciclo de quedas no setor que enfrenta um ambiente macroeconômico de manutenção da queda na taxa de juros e bons resultados no mercado de trabalho. Ainda assim, não está evidente que a melhora nos fatores econômicos já tenha impactado a confiança dos empresários”, avaliou Stéfano Pacini, economista do FGV<sup>19</sup> IBRE.

A desaceleração no setor de Serviços ficou evidente com os resultados negativos nos últimos meses. Em médias móveis trimestrais, o Índice de Situação Atual (ISA-S) voltou a cair e de forma difusa entre os segmentos. “Apesar da acomodação do indicador no mês, a tendência na ponta é de piora da situação atual. Todos os segmentos, exceto transportes, apresentaram queda no índice”, completou Pacini (FGV).

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB)<sup>20</sup>, métrica elaborada e calculada pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) para monitorar as expectativas do setor produtivo do estado, marcou 10 pontos em janeiro de 2024, numa escala que vai de -1.000 a 1.000 pontos. Trata-se da primeira pontuação acima de zero após 14 meses seguidos com valores negativos. Além do mais, refere-se ao maior patamar desde outubro de 2022 (45 pontos).

De dezembro a janeiro, o setor de Serviços exibiu uma elevação de 136 pontos, uma alta após cinco quedas em sequência. No caso, a maior alta entre os setores. O indicador, dessa maneira, ficou acima de zero depois de 16 meses. Em relação ao mesmo mês de um ano antes, ocorreu uma elevação de 286 pontos, retratando o maior avanço anual entre os grupamentos. O nível de confiança se posicionou superior à média histórica (de -215 pontos) em 270 pontos no mês investigado. Com isso, a expectativa é de manutenção do crescimento para o setor baiano nos próximos três meses do ano de

<sup>19</sup>SONDAGEM DE SERVIÇOS. RIO DE JANEIRO: FGV IBRE, fev. 2024. Disponível em: < [https://portalibre.fgv.br/system/files/2024-02/sondagem-de-servicos-fgv\\_press-release\\_fev24\\_0.pdf](https://portalibre.fgv.br/system/files/2024-02/sondagem-de-servicos-fgv_press-release_fev24_0.pdf) >. Acesso em: 29 fev. 2024.

2024, mas com uma taxa amenizada levando em consideração as perspectivas apresentadas pela FGV em relação ao setor no âmbito nacional (SEI).

## TURISMO

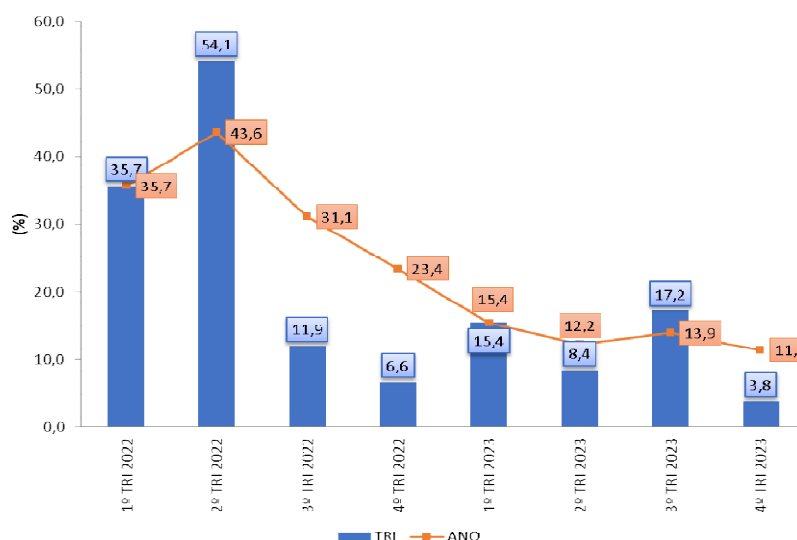
Rosângela Conceição  
*rosangela@sei.ba.gov.br*

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas<sup>21</sup> na Bahia, quando comparado com o quarto trimestre do ano anterior, marcou expansão de 3,8%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a oitava taxa positiva, para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

Gráfico 1  
Volume das atividades turísticas (1) (2)  
Bahia — 1º tri. - 4º tri. 2022/1º tri. 2023 - 4º tri. 2023

<sup>20</sup>PESQUISA DE CONFIANÇA DO EMPRESARIADO BAIANO. BAHIA: SEI, jan. 2024. Disponível em:<  
[https://sei.ba.gov.br/images/releases\\_mensais/pdf/iceb/rel\\_ICEB\\_jan24.pdf](https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/iceb/rel_ICEB_jan24.pdf)>. Acesso em: 29 fev. 2024.

<sup>21</sup> Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

(1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil cresceu 3,6%, no quarto trimestre do ano de 2023, frente a igual período de 2022. Regionalmente, oito dos doze locais investigados também registraram taxas positivas, sobressaindo os ganhos vindos do Rio de Janeiro (10,7%), seguido por Minas Gerais (8,6%) e São Paulo (5,3%). Nessa comparação, a Bahia (3,8%) apontou a quinta variação positiva mais expressiva e superior à média nacional. Em contrapartida, o Ceará (-14,7%) e o Espírito Santo (-8,1%) contabilizaram os principais recuos.

O volume das atividades turísticas na Bahia, no acumulado do ano de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior, expandiu 11,4%, após avançar 13,9% em 2022 na mesma base de comparação. Esse resultado é a segunda maior variação já registrada em toda série histórica iniciada 2011, para esse tipo de comparação, e contribuiu positivamente, no índice nacional, que avançou 6,9% na mesma análise.

Na comparação nacional, dez dos doze locais investigados também registraram taxas

positivas. Destacam-se os ganhos vindos de Minas Gerais (15,0%), seguido por Rio de Janeiro (11,5%), Bahia (11,4%) e Paraná (10,0%). Nessa comparação, a Bahia apontou a terceira variação positiva mais significativa e superior à média nacional.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de turismo no estado totalizou mais de R\$ 1,1 bilhão no quarto trimestre, com ampliação nominal de 22,9% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o que representa um aumento de mais de R\$ 208 milhões na arrecadação do estado. No acumulado do ano de 2023, o setor totalizou perto de R\$ 4 bilhões, com ampliação nominal de 24,9%, em relação ao mesmo período do ano anterior, o que representa um aumento de próximo de R\$ 796 milhões na arrecadação do estado.

Seguindo a mesma tendência do volume e da arrecadação de ICMS das atividades turísticas, confirmando o bom desempenho do setor, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência e sistematizadas pela SEI, no quarto trimestre de 2023, na Bahia, o setor de turismo incorporou 3.749 novos postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 17.047 admissões e 13.298 desligamentos. Tal resultado, entretanto, revelou-se menor do que o de um ano antes, já que o saldo no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2022 havia sido de 4.012 novos empregos celetistas.

A maioria dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo<sup>22</sup> exibiu saldo positivo – num total de 22. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+1.650 vagas), *Hotéis e similares* (+1.123 postos) e *Locação de automóveis sem condutor* (+348 vínculos).

No acumulado de janeiro a dezembro de 2023, o saldo de empregos formais do setor de turismo do estado da Bahia também se revelou positivo, indicando uma geração líquida de 7.166 postos de trabalho, decorrente de 62.119 admissões e 54.953 desligamentos. Um cenário, portanto, menos favorável do que o observado no agregado do ano de 2022, quando o referido setor havia registrado um resultado de 9.372 novas vagas em território baiano (SEI).

Dos 27 subsetores econômicos do turismo local, 24 deles geraram postos de trabalho no acumulado do ano de 2023. No caso, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas*, *Hotéis e similares* e *Locação de automóveis sem condutor* foram os subsetores com as maiores expansões, contabilizando 3.143, 1.441 e 933 novos vínculos formais, respectivamente. Enquanto isso, *Serviços ambulantes de alimentação* (-16 vínculos) e *Transporte por navegação de travessia* (-2 vagas) indicaram os menores saldos no mencionado período, todos com perdas líquidas (SEI).

Cabe destacar, que o quarto trimestre foi um período impulsionado pelas realizações das festas populares e religiosas, como a novena de Santa Luzia, a festa de Santa Bárbara, a novena em honra a Nossa Senhora da Conceição da Praia, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes e outras. Também as festas natalinas e da virada de ano realizadas na capital baiana e em grande parte dos municípios. Com isso, as promoções desses eventos contribuíram consideravelmente, para o bom desempenho do setor, mas com taxa amenizada em relação aos outros trimestres.

## COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior ([arthurcruz@sei.ba.gov.br](mailto:arthurcruz@sei.ba.gov.br))  
Pedro Henrique Ferreira Matos ([pedromatos@sei.ba.gov.br](mailto:pedromatos@sei.ba.gov.br))

---

<sup>22</sup> Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

A economia mundial vem perdendo força, afetada pela desaceleração de seus principais motores e também por uma confluência de fatores de curto prazo e de limitações de longo prazo - composta por tensões geopolíticas, alto endividamento público e o envelhecimento populacional - que começa a ser sentido. A atualização mais recente dos “Índices de Acompanhamento da Recuperação da Economia Mundial Brookings-Financial Times” (Tiger, na sigla em inglês) mostra um enfraquecimento generalizado na atividade econômica mundial. Apesar do desempenho relativamente favorável dos mercados financeiros no início do ano, a confiança dos consumidores e das empresas sofreu um grande golpe.

Embora os Estados Unidos continuem a apresentar crescimento sólido do Produto Interno Bruto (PIB), outras economias avançadas mostram um estado crítico e se deparam com péssimas perspectivas de crescimento ou até estão à beira de uma recessão. As economias emergentes, em termos gerais, estão em melhor forma. A China mostra alguns sinais de estabilização e a Índia continua a avançar.

Felizmente, as pressões inflacionárias estão em queda pelo mundo, mas a alta nos preços das fontes de energia e as fissuras geopolíticas cada vez maiores podem interromper esse progresso e prejudicar o crescimento. Os mercados anunciaram “boas novas” durante alguns meses, em parte graças ao otimismo em relação a ganhos de produtividade com inovações tecnológicas, mas as preocupações com as perspectivas de crescimento começam a pesar no desempenho econômico mundial.

Por conta desse cenário, a Organização Mundial do Comércio (OMC) reduziu em mais da metade sua projeção de crescimento do comércio mundial de mercadorias em volume para este ano. A taxa esperada agora é de 0,8% comparada a 1,7% estimada em abril, ilustrando a desaceleração da produção global e sinais de fragmentação ligados às tensões geopolíticas.

A expectativa é de que o crescimento do comércio mundial se recupere no próximo ano



para 3,3%, acompanhado por uma expansão lenta, mas estável, do PIB. Os setores mais sensíveis aos ciclos de negócios devem se estabilizar e se recuperar à medida que a inflação permitir e as taxas de juros começarem a cair.

Os riscos para a previsão de 2024 incluem uma desaceleração mais forte do que a esperada na China e um ressurgimento da inflação nas economias desenvolvidas, o que exigiria a manutenção das taxas de juros mais altas, por um período mais longo. As projeções da OMC se baseiam num crescimento de 2,6% do PIB mundial real neste ano e de 2,5% em 2024.

Também sinais de fragmentação na cadeia de fornecimento podem ameaçar uma perspectiva globalmente positiva para 2024, diz a OMC. A projeção de desaceleração do comércio para 2023 é motivo de preocupação, devido às implicações adversas para os padrões de vida das pessoas em todo o mundo. A fragmentação econômica global só pioraria esses desafios.

A OMC deve aproveitar a oportunidade para fortalecer a estrutura do comércio global, evitando o protecionismo e promovendo uma economia global mais resiliente e inclusiva. A economia global e, em particular, os países pobres, terão dificuldades na recuperação sem um sistema de comércio multilateral estável, aberto, previsível, justo e baseado em regras.

Mas não é isso que vem ocorrendo. As tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China, as duas maiores economias do mundo, mudaram seus padrões comerciais. Apesar de o comércio bilateral ter alcançado recorde no ano passado, os fluxos de mercadorias entre ambos cresceram bem menos do que no comércio com outros parceiros.

A constatação é de que o comércio internacional está gradualmente sendo reorientado, de acordo com as linhas geopolíticas. A análise sobre Investimento Estrangeiro Direto (IED) também aponta para fragmentação. Os fluxos para economias emergentes e em

desenvolvimento são substancialmente menores para parceiros mais distantes geopoliticamente.

Segurança é um fator cada vez mais influente na política comercial, e contraproducente se levada longe demais. A proliferação de tensões comerciais reforça o ceticismo em relação ao comércio internacional na formulação de políticas comerciais, causando retrocessos nos esforços de integração regional e à adoção de medidas unilaterais.

Uma fragmentação aumentará os custos nas trocas comerciais. Atualmente, esses custos nas economias em desenvolvimento são quase 30% mais altos do que nas economias desenvolvidas. Os custos comerciais na agricultura são 50% mais altos do que os da indústria. Os custos do comércio de serviços também permanecem elevados, embora com grande variação entre os setores.

Apesar do cenário atual, a OMC insiste que o comércio internacional continua a prosperar de várias maneiras, e considera exagerado o discurso sobre desglobalização. Dessa forma defende uma reglobalização, que é um impulso renovado para a integração de mais pessoas, economias e questões urgentes no comércio mundial.

Quanto ao comércio externo brasileiro, há um bom desempenho até setembro, sofrendo tão somente os respingos da desaceleração mundial no que diz respeito à redução de preços dos produtos exportados, diante de um cenário externo cada vez mais adverso. O saldo comercial permaneceu elevado até setembro, com queda das importações e leve recuo das exportações. Até o fechamento do terceiro trimestre, o saldo acumulava superávit de US\$71,2 bilhões, em linha com o esperado.

A despeito da redução dos preços, as exportações permanecem elevadas, sustentadas pelo crescimento de 7% do volume, com destaque para commodities agrícolas e industriais. Já as importações apresentam queda, com forte recuo dos preços e moderação dos volumes (queda de 4,2%). Algumas categorias apresentaram variação

positiva da quantidade importada, como duráveis e bens de capital, enquanto as compras de intermediários e combustíveis recuaram.

Dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) mostram que a queda nas importações não foi exclusividade brasileira. A importação da China caiu 6,6% de janeiro a junho deste ano, contra igual período de 2022, enquanto a exportação chinesa caiu 2,3%. A importação alemã também caiu 5,2%, com aumento de 2,2% nos embarques.

Este ano houve fatores conjunturais que permitiram o superávit, como a contribuição do setor agrícola, com safra recorde, e preços de commodities que, apesar do ajuste, ainda estão relativamente altos. Para o ano que vem não se espera um novo recorde, porque já estão em perspectiva o desafio enfrentado pela economia chinesa e a recuperação de concorrentes brasileiros, entre outros.

Os superávits, portanto, têm sido garantidos pelas commodities e devem continuar dessa forma no curto e médio prazo, embora as perspectivas mostrem mudanças no dinamismo do comércio global. Será positivo para o setor externo brasileiro, mas está claro que este ano se dará à custa da redução das importações, o que também deverá ser a principal influência para a queda na corrente de comércio, indicador importante do dinamismo da economia. A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) projeta US\$ 575,3 bilhões em corrente de comércio em 2023, valor 5,2% menor que o de 2022.

**Tabela II - Balança comercial**  
**Bahia**  
**Jan./Setembro - 2022/2023**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %
Exportações	10.613.085	7.823.904	-26,28
Importações	8.998.040	6.775.950	-24,70
Saldo	1.615.045	1.047.955	-35,11
Corrente de comércio	19.611.125	14.599.854	-25,55

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/10/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI /Distat/CAC

As exportações baianas registraram vendas de US\$ 2,66 bilhões no terceiro trimestre, com queda de 29,5% no comparativo com igual período do ano passado. A magnitude da redução acompanha as vendas externas durante todo o ano, por conta da base de comparação elevada, da queda de preços e da redução da demanda mundial, fruto da desaceleração da economia global afetada por inflação, guerra e aperto monetário. Isso acontece, sobretudo, em segmentos que tiveram forte elevação de preços e de embarques no ano passado, como os derivados de petróleo, que este ano não vêm repetindo o bom desempenho, registrando queda de 45,6% no ano (-61,2% só no terceiro trimestre).

O desempenho das exportações como um todo é consequência do cenário mundial que passa por um momento particularmente conturbado no comércio internacional, com a desaceleração das transações, o acirramento da disputa entre os Estados Unidos e a China e a continuidade do conflito no Leste Europeu, que colocam em xeque a globalização.

Depois de crescer durante a pandemia, a demanda por exportações globais de bens se

enfraqueceu em razão da inflação mais alta, dos aumentos das taxas de juros pelos bancos centrais mundiais em 2022, e do aumento das despesas com serviços internos, à medida que as economias voltavam a se abrir após os lockdowns causados pela pandemia.

A reviravolta nos volumes exportados foi generalizada, com a maior parte do mundo informando queda nos volumes comercializados. Na Bahia, a queda do quantum exportado no terceiro trimestre foi a maior do ano (-22,8%).

Na Bahia, no acumulado do ano, nem a agropecuária, que vem puxando o crescimento da economia, conseguiu resultados positivos, amargando queda de 18,5% ante igual período de 2022. A indústria de transformação permanece com um desempenho fraco, com redução de 33,8% no comparativo interanual, puxado principalmente pelo refino, que teve queda de 45,6% nas receitas e de 23,8% no volume embarcado. A indústria extrativa também não viabilizou ganhos no ano com retração de 8,2% nas receitas, com queda no quantum em 25,8%, na comparação com o mesmo período de 2022.

No acumulado do ano, as exportações alcançaram US\$ 7,82 bilhões, bem abaixo aos US\$ 10,61 bilhões de iguais meses de 2022. A queda das exportações no ano chega a 26,3% nos valores, e de 12,8% nos volumes embarcados. As importações alcançaram US\$ 6,78 bilhões, com queda de 24,7% no valor das compras e de 5,1% no volume desembarcado. O saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,04 bilhão, 35,4% inferior ao mesmo período do ano passado. Já a corrente de comércio atingiu US\$ 14,6 bilhões, também com redução de 25,5% no comparativo interanual.

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado tiveram recuo de 15,4% em relação a jan./set. do ano passado. Essa retração que vinha diminuindo, no comparativo mês a mês ante igual período do ano passado, sofre erosão/desvalorização, à medida que a base de comparação se iguala, estando zerada a partir de setembro.

Após um início de ano otimista com as perspectivas de crescimento global, neste terceiro

trimestre o cenário aponta para uma direção mais cautelosa, com impacto nos preços das commodities minerais e metálicas. Prognósticos menos positivos para Estados Unidos, Europa e China, em geral diminuem a demanda, reduzindo preços de produtos como minério de ferro e intensificando a volatilidade de insumos básicos como cobre. Pode haver altas pontuais, como a recente subida do minério de ferro, mas a tendência de médio prazo, de fato, vai depender do avanço das economias. A exceção é o ouro, exatamente pela mesma razão, quando há incertezas macroeconômicas investidores procuram por essa reserva de segurança.

A combinação de fragilidade macro e setorial da China, maior incerteza nos Estados Unidos e perspectiva de economia global em queda ou estagnada impede as pressões de alta sobre as commodities, pelo menos num horizonte de três anos. Preço de commodity depende basicamente de crescimento econômico.

Quanto ao câmbio, até há pouco tempo, estimava-se que a taxa de equilíbrio rondava o patamar de R\$ 5,20 por dólar, mas a tendência de piora dos fundamentos perdeu força no primeiro semestre de 2023 e, agora, o câmbio justo está perto de R\$ 4,80. O modelo utilizado para estimar o nível justo dessa taxa se baseia em quatro fatores, e dois deles chamaram atenção.

O movimento veio dos preços de comercializáveis e não comercializáveis. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) passou a cair abaixo do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), devolvendo o que se observou na pandemia dos preços de atacados que dispararam. Isso tem a ver com a rentabilidade do setor de exportação.

Uma pequena melhora também foi observada na conta corrente brasileira. As exportações brasileiras como um todo estão crescendo a uma taxa relativamente boa, muito pelo aumento do quantum, o que não ocorre com os produtos vendidos pela Bahia.

Outros dois fundamentos, que são compostos pelos termos de troca e pela posição internacional de investimento, se mantiveram quase inalterados nesse período, não afetando a formulação do câmbio.

**Tabela 2 - Exportações baianas**  
**Principais segmentos**  
**Jan./Setembro - 2022/2023**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2022	2023			
Soja e Derivados	2.658.206	2.138.870	-19,54	27,34	-11,19
Petróleo e Derivados	2.964.137	1.613.765	-45,56	20,63	-28,54
Papel e Celulose	918.463	912.585	-0,64	11,66	7,43
Químicos e Petroquímicos	1.195.957	784.080	-34,44	10,02	-23,18
Metais Preciosos	413.492	478.061	15,62	6,11	-24,61
Minerais	515.419	374.606	-27,32	4,79	-1,94
Algodão e Seus Subprodutos	468.734	297.215	4,20	4,20	-11,55
Metalúrgicos	427.480	282.857	-33,83	3,62	-28,84
Cacau e Derivados	154.430	146.426	-5,18	1,87	0,88
Borracha e Suas Obras	135.521	144.676	6,76	1,85	14,96
Frutas e Suas Preparações	109.869	141.356	28,66	1,81	11,58
Café e Especiarias	188.301	135.527	-28,03	1,73	-11,27
Milho e Derivados	44.242	102.586	131,88	1,31	-12,21
Demais Segmentos	418.835	271.293	-35,23	3,47	-34,13
<b>Total</b>	<b>10.613.085</b>	<b>7.823.904</b>	<b>-26,28</b>	<b>100,00</b>	<b>-15,41</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/10/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Até setembro, o papel importante do agronegócio (50% do total das vendas até setembro) é o destaque da pauta, mesmo com um volume que ainda se espera em embarques da soja. O valor registrado, até o terceiro trimestre, é de US\$ 2,14 bilhões. Ainda existe espaço para exportação de soja, que deve ultrapassar o volume de 4,4 milhões de toneladas embarcadas em 2022, caso estejam corretas as previsões de crescimento da safra em 4,5%, em relação ao ano passado, mesmo com o preço médio inferior a 11,2%. Maior produção e esmagamento interno de soja vão permitir embarques maiores.

As chuvas irregulares, sobretudo em regiões do Centro-Oeste e do Sudeste do Brasil e a valorização do dólar frente ao real elevaram os preços da oleaginosa no final do mês de setembro, o que, deve indicar recuperação a partir daí. No mercado externo, o avanço na colheita da safra 2023/24 da soja nos Estados Unidos pressionou as cotações futuras. No entanto, a piora nas condições das lavouras daquele país e a firme demanda pelo grão norte-americano deram sustentação aos preços na última semana do mês, o que limitou a queda na média mensal.

Em consonância com a alta projetada de 25% na área plantada de algodão, as vendas externas registraram, até setembro, crescimento de 4,2% a US\$ 297,2 milhões. O estado, segundo em volume de produção de algodão no Brasil, concluiu a colheita da fibra, na safra 2022/2023. De acordo com os números divulgados pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), nos 312,6 mil hectares de lavouras ocupadas com a cultura, o estado produziu, aproximadamente, 615 mil toneladas do produto beneficiado (pluma), com produtividade de 1.968 quilos de pluma por hectare.

Para o ciclo 2023/2024, a Abapa espera um aumento sutil na área, em torno de 2,4%. Já a produção é projetada em 612 mil toneladas, uma leve queda no volume, em função da produtividade, que não deve repetir a mesma marca de 22/23, ficando, a princípio, em torno de 1.913 quilos de pluma por hectare (-2,8%).

Apesar do clima favorável no período, a ocorrência de chuvas de fim de ciclo – que chegaram a 70 milímetros em um dia, em algumas regiões do Oeste baiano –, não comprometeu a qualidade da pluma. As chuvas, contudo, impactaram no ritmo da colheita.

Ainda como reflexo das condições climáticas, a semeadura do algodão de sequeiro, para a safra 2023/2024, foi antecipada e deverá ser feita no período de 11 de novembro a 31 de dezembro deste ano. Por conta disso, o período de “vazio sanitário” também ocorrerá mais cedo, iniciando em 10 de setembro de 2024. Cerca de 80% do algodão colhido na



Bahia já foi beneficiado, e em torno de 75% já passou por análise nos laboratórios de classificação, com resultados considerados excelentes.

No segmento de produtos industrializados, os derivados de petróleo mantêm um cenário de alta. Especialistas dão conta de que eventos que ocorreram em setembro, como as restrições da Rússia para exportações e a redução da produção dos Países Exportadores de Petróleo e seus aliados (Opep+), devem ter efeitos consolidados no mês que se inicia. Os efeitos ficam mais fortes sobre o diesel do que sobre a gasolina, e temores de desabastecimento voltam a aparecer no radar.

O Brent iniciou setembro cotado a US\$ 87,80 o barril e fechou o mês a US\$ 92,20. Depois do anúncio russo, o preço chegou aos US\$ 94,36, em 27 de setembro. No mês, a commodity subiu 6,18%. A título de comparação, em agosto, o avanço foi de 8,04%. Em setembro de 2022, o Brent subiu 2,31%.

Por enquanto, as exportações baianas do setor seguem em queda (-96% só em setembro) e (-45,6%) no ano. O volume embarcado acompanha a queda em escala semelhante: -96,6% no último mês e -23,4% no acumulado até setembro.

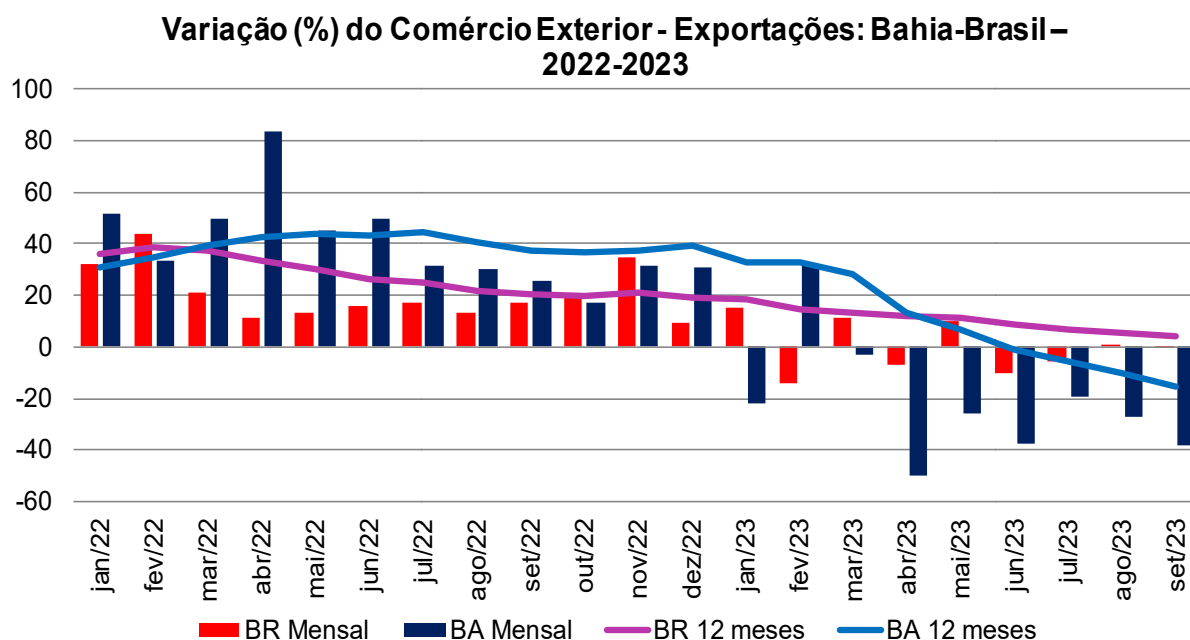
Ainda que a perspectiva de mais longo prazo consista de maior ajuste nas atuais cotações de petróleo e o movimento global de transição energética seja considerado, a commodity deve continuar a ser importante na pauta de exportação do estado, puxada principalmente por volumes em quadro alinhado ao esperado de aumento de produção.

Já as exportações de papel e celulose – único setor, dentre os principais da pauta a apresentar variação de preços positiva em relação ao mesmo período do ano passado, em 7,4% -, registrou leve redução em suas vendas no ano a US\$ 912,6 milhões. A causa deve-se a redução nos embarques em 7,5%.

Os preços da celulose de fibra curta (BHKP), que começaram a se recuperar na China no fim do primeiro semestre e mais recentemente ganharam força também na Europa,

devem seguir em alta em todas as regiões. Para outubro, produtores liderados pela Suzano estão buscando novo reajuste em todas as regiões.

A companhia brasileira que é a maior produtora mundial de celulose de mercado e a maior exportadora do produto na Bahia, já anunciou uma nova rodada de aumento de preços, de US\$ 30 a US\$ 50 por tonelada a depender da região.



Fonte :MDIC/Secex  
Elaboração: SEI/Distat/CAC

Quanto aos destinos das vendas externas do estado até setembro, a China permanece de longe, como o maior mercado para os produtos baianos com 26,5% de participação total, mesmo com uma queda de 19,4% nas vendas. É seguida por Singapura com 11% e queda de 44,3% e Estados Unidos com 8,4% de participação e redução de 23,2%, todos no comparativo interanual.

## IMPORTAÇÕES

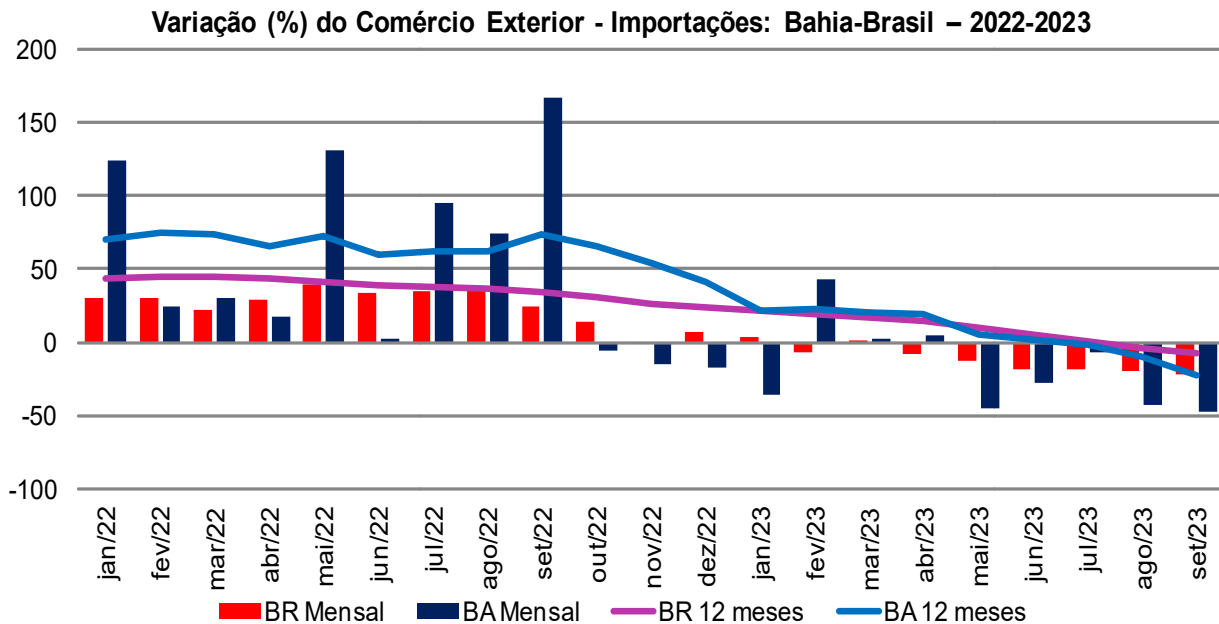
As importações também tiveram queda no terceiro trimestre (a maior do ano) de 35,8% no

comparativo interanual, com forte recuo dos preços (-31%) e em menor escala dos volumes (-6,8%).

No ano, todas as categorias de importações apresentaram redução, principalmente bens intermediários (-30,4%) e bens de consumo (-21%), exceto os bens de capital que conseguiram crescimento de 5,1%.

O desempenho do setor de bens intermediários, que incluem insumos e matérias-primas, e representou 61% do total importado pelo estado até setembro, registrou queda de 30,4% nos desembolsos e de 9,3% no quantum. Essa situação está relacionada à virtual estagnação da indústria de transformação, que vem andando de lado, com queda de 5,3% nos últimos doze meses. A importação sinaliza a estagnação da indústria que vem ocorrendo ao longo do ano, e deve continuar mesmo que haja alguma recuperação marginal de produção no último trimestre do ano. É esperado, entretanto, melhora gradual ao longo de 2024 com condições monetárias e de crédito mais favoráveis.

A boa notícia no ano é o crescimento das compras de bens de capital em 5,1%, principalmente de células fotovoltaicas, máquinas e equipamentos mecânicos e motores/geradores. A incorporação de bem de capital ao processo produtivo sempre é positivo e pode implicar na ampliação da capacidade da economia crescer, além do fato de que o bem de capital é portador de inovação, pois incorpora tecnologia.



Fonte :MDIC/Secex  
Elaboração: SEI/Distat/CAC

Já o comportamento dos preços de importação está relacionado à deflação global de custos, considerando que em 2022 houve pressão de preços de matérias-primas e de importações como um todo. A magnitude dessa variação acontece pelo processo de correção de preços, mas não deve extrapolar o ano nesse nível. A queda de preços é generalizada em todos os setores, com registro de maior recuo na indústria extrativa, que chegou a -29,2% no acumulado do ano.

Depois de crescer durante a pandemia, a demanda por importações globais de bens diminuiu em razão da inflação mais alta, dos aumentos das taxas de juros pelos bancos centrais mundiais em 2022, e do aumento das despesas com serviços internos à medida que as economias voltavam a se abrir após os lockdowns causados pela pandemia.

A reviravolta nos volumes exportados pelos países industrializados foi generalizada, com a maior parte do mundo informando queda nos volumes comercializados.

A falta de flexibilização do crédito continuará afetando o comércio global. O impacto

defasado dos juros altos deverá pesar mais sobre a demanda por certos produtos, podendo levar vários meses até o comércio mundial atingir seu ponto mais baixo.

A demanda por importações de bens, muitas vezes comprada com recursos financiados, como automóveis, mobiliário doméstico e bens de capital, deverá ser a mais enfraquecida. Portanto, não é esperada a continuidade desse crescimento observado na categoria na pauta de importações baianas.

**Tabela 3- Importações baianas por categorias de uso**  
**Jan./Setembro - 2022/2023**

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2022	2023	Var. %	Part. %
Bens Intermediários (BI)	5.932.935	4.130.035	-30,39	60,95
Combustíveis e Lubrificantes	2.553.582	2.156.111	-15,57	31,82
Bens de Capital (BK)	358.762	377.212	5,14	5,57
Bens de Consumo (BC)	139.296	109.991	-21,04	1,62
Bens não Especificados Anteriormente	13.464	2.602	-80,68	0,04
<b>Total</b>	<b>8.998.040</b>	<b>6.775.950</b>	<b>-24,70</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 06/10/2023, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Os principais recuos nas importações, até setembro, foram registrados nos seguintes produtos: naftas para petroquímica (-37,4%), cloretos de potássio (-33,1%) e diidrogeno ortofosfato de amônio (-36,3%). Esses, do grupo de fertilizantes, tiveram um recuo total de 33,7% nos desembolsos e de 6,6% na quantidade desembarcada. O setor de fertilizantes, cujas compras do exterior foram impactadas pela guerra entre Rússia e Ucrânia, a queda deve-se principalmente à diminuição de 29% nos preços médios no ano.

## FINANÇAS PÚBLICAS

Eduardo Augusto Santos Brito ([eduardobrito@sei.ba.gov.br](mailto:eduardobrito@sei.ba.gov.br))

Gabriel Oliveira Barbosa ([gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br](mailto:gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br))

Marília Jane Dourado Campos ([mariliajane@sei.ba.gov.br](mailto:mariliajane@sei.ba.gov.br))

### Panorama Global: Política Monetária e Fiscal

O último trimestre do ano de 2023 foi marcado por um cenário internacional em que persistem incertezas que influenciam o quadro da política fiscal e monetária dos países. Segundo o *World Economic Outlook*, do Fundo Monetário Internacional (FMI), em tradução livre, “a recuperação econômica global dos efeitos da pandemia de covid-19, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e a crise no custo de vida estão se provando surpreendentemente resilientes”.

A inflação tem caído rapidamente e com baixos efeitos sobre o emprego e atividade econômica, o que parece anunciar que a queda das taxas de juros pode ocorrer mais breve que o esperado. Essa queda pode ser um alívio também para a situação fiscal de muitos países, uma vez que diminui os custos do serviço das dívidas.

No entanto, as incertezas citadas, incluindo os desenvolvimentos mais recentes de conflitos, sobretudo no Oriente Médio, podem trazer novos choques de custos. Tais choques podem retardar a chamada ancoragem de expectativas. Ademais, a trajetória do endividamento - tanto público, quanto corporativo - permanece crescente em boa parte dos países, inclusive centrais.

Economistas de vertente mais ortodoxa, a exemplo do próprio FMI, consideram o cenário atual como propenso à consolidação fiscal, uma vez que o crescimento foi acima e a inflação abaixo do esperado. Além disso, enxergam como um risco se os governos nacionais não se engajarem em ajustes neste momento, considerando que uma eventual

política fiscal mais “frouxa” poderia conduzir a elevados níveis de demanda, voltando a pressionar a inflação. Tal risco de demanda poderia se somar a eventuais riscos de oferta, já citados.

Embora de maneira geral isso possa estar correto e seja mesmo intuitivo, nem sempre ajustes fiscais são acompanhados de reduções no endividamento. Há mesmo registros em diversos países onde aumentos de gastos foram acompanhados de redução da relação dívida pública/Produto Interno Bruto (PIB). O debate sobre políticas macroeconômicas - e sua intensidade, mix, vetores, etc. - é complexo, além do que, há aspectos qualitativos - por exemplo, há diferentes formas de fazer uma retração ou expansão fiscal, com rebatimentos setoriais.

Outro fator que pesa muito na adoção de políticas, sobretudo fiscal, é de ordem política e social. Nos países desenvolvidos, a dinâmica da concorrência, guerras comerciais e tecnológicas, além da própria ruptura das cadeias globais de valor oriunda dos choques (como a covid e a guerra), fizeram com que muitos países lançassem mão de uma política industrial ativa, que pressiona a política fiscal num sentido expansionista.

Países pobres ou em desenvolvimento, por sua vez, também enfrentam dilemas e pressões sociais e políticas para ampliar a participação de Estado com medidas que reduzam a pobreza e desigualdades, bem como promovam desenvolvimento econômico. Por outro lado, enfrentam pressões contrárias de elites estrangeiras e locais, ora por mais austeridade (comprimindo salários e emprego), ora por mais isenções e regimes tributários especiais que favoreçam determinados setores.

Em suma, questões fiscais, tributárias e orçamentárias refletem conflitos intra e interclasse, pressões por interesses corporativos, entre outros. Longe de serem questões meramente técnicas, elas são questões de prioridade alocativa (logo, também política). O que leva à análise da realidade nacional.

## Panorama Fiscal: Brasil

O ano de 2023 apresentou novidades e desafios no campo fiscal e tributário. Havia duas necessidades impostas que são contraditórias e de equilíbrio delicado. Por um lado, a retomada de políticas públicas que haviam sido abandonadas, desfinanciadas ou desestruturadas, o que contribuiu para a piora de índices socioeconômicos e a volta do país ao mapa da fome, e por outro, o baixo espaço fiscal oriundo de uma combinação entre alta rigidez orçamentária, altíssimo custo financeiro da dívida pública - piorado pelo nível elevado da taxa Selic, ao tentar trazer a inflação de volta a uma meta apertada - e o chamado “Teto de Gastos”, regime fiscal que impedia o crescimento real das despesas.

Ao fim de 2022, no chamado governo de transição, foi aprovada a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 32/2022, que liberou R\$ 170 bilhões acima do que seria permitido pela antiga regra fiscal, para o orçamento de 2023. Em contrapartida, o novo governo aprovou o Projeto de Lei Complementar (PLP) 93/2023, que criava uma nova regra que institui, entre outros elementos, a volta das metas de resultado primário como critério principal e a limitação do crescimento das despesas a uma proporção do crescimento das receitas (75% e, caso descumprida a meta, 50% no próximo ano). A antiga regra não permitia crescimento real de despesas, algo sem equivalente no mundo.

A nova regra está mais compatível com as práticas internacionais, contudo, a sua credibilidade tem sido questionada, sobretudo pela definição da meta de resultado fiscal para 2024 (déficit primário zero). Tal meta é vista pela maior parte do mercado como não exequível. Essa desconfiança na concretização do resultado em 2024 se sustenta, sobretudo, na projeção de aumento da arrecadação do governo federal, vista pela maior parte do mercado e dos especialistas como superestimada.

Como abordado no último relatório, desde o governo Dilma a base de arrecadação tem



sofrido reduções. Isso foi resultado de políticas de desoneração, incentivos fiscais e criação de regimes de tributação especiais, além de uma série de resoluções - tanto do Congresso quanto da Justiça - que contribuíram para diminuir a receita do Estado, sobretudo da União. A nova equipe econômica tem procurado ativamente recuperar ao menos parte dessa base, seja por meio de medidas provisórias, seja por meio de novos projetos de lei. No entanto, esse é um movimento controverso politicamente, que tem encontrado resistência.

Como exemplo de medidas que encontram resistência está o fim da desoneração da folha de pagamento. Os defensores da medida alegam não haver nenhum estudo consistente que demonstre o efeito positivo no emprego. No entanto, os setores contemplados têm exercido muita pressão para que a desoneração permaneça. Por ora, a desoneração está prorrogada, mas o governo promete no mínimo rever a extensão do benefício, limitando o número de setores beneficiados.

Em outra frente, há pressões para cortes de despesa. O governo acena para flexibilização de pisos constitucionais (a exemplo de Saúde e Educação), medida que, embora apoiada pelo mercado, encontra muitas críticas por terem efeito regressivo e significar uma quebra do pacto social consolidado na Constituição Federal de 1988.

Flexibilizando o piso, mais rubricas passariam a seguir a nova regra fiscal, ou seja, teriam crescimento limitado a 75% do crescimento da receita, facilitando o cumprimento das metas. Como se vê, entre as medidas de corte e as de recuperação tributária, há conflitos bastante fortes e de difícil conciliação.

Enquanto isso, os juros pagos pela dívida pública permanecem desproporcionais ao nível de endividamento (e de risco de *default*), porém ocupam pouco espaço nos jornais e nas discussões de especialistas. Apesar das sucessivas quedas – de 0,5 ponto percentual (p.p.) por reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a partir do encontro do dia 02

de agosto -, a taxa de juros real continua bastante alta, uma vez que a queda da inflação tem ocorrido em ritmo mais rápido que a dos juros.

O pagamento de juros nominais alcançou o menor nível recente em junho de 2021, quando somou o equivalente a 3,40% do PIB. A partir de então, progressivamente se elevou, até alcançar o pico de 6,71% e estabilizando desde então em níveis ligeiramente inferiores. Em dezembro, somou 6,60%.

Importante salientar que a própria definição da meta inflacionária para 2023 foi bastante apertada, especialmente levando em consideração que o núcleo inflacionário estava num patamar bastante alto em 2022. A média dos núcleos do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medida pelo Banco Central, ultrapassou os 10% na metade de 2022 e ficou abaixo de 5% em outubro de 2023 (variação acumulada de 12 meses). Sem dúvida, um esforço muito grande de aperto monetário, que afeta diversas variáveis na economia, especialmente a piorar o quadro fiscal e a diminuir o potencial de crescimento.

Fica a reflexão: Se a escolha política fosse por um “pouso suave”, ou seja, uma convergência mais longa a níveis baixos, esta não seria menos desafiadora do ponto de vista do comprometimento da atividade econômica e da própria política fiscal? Por outro lado, vale a pena conviver com níveis um pouco maiores de inflação por mais tempo, mesmo favorecendo o crescimento e a receita?

### Evolução das Receitas e Despesas

Segundo Boletins do Tesouro Nacional, o quarto trimestre mostrou recuperação de receitas, que exibiram crescimento em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, a recuperação esteve longe de ser suficiente para evitar a queda real da arrecadação anual (-2,8% de 2023 para 2022). Os destaques do trimestre foram o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e a Contribuição de Intervenção no Domínio

Econômico (Cide-Combustíveis), o último se deve ao fim parcial das desonerações ocorridas em 2022.

Do lado das despesas, houve um crescimento atípico. Primeiro, devido ao aumento da rubrica - apoio financeiro a estados e municípios, impactado pelo pagamento de compensação pelos efeitos da lei Complementar (LC) 194/2022. Segundo, devido à estratégia do governo, de olho na apertada meta de resultado fiscal de 2024, de adiantar despesas com sentenças judiciais e precatórios - o que fez com que a rubrica homônima saltasse de R\$ 1469,7 milhões no quarto trimestre de 2022 para R\$ 52.477,6 milhões no mesmo trimestre de 2023.

No acumulado de Janeiro a Dezembro, há alguns pontos a serem destacados. Do lado das receitas, houve uma queda real acentuada (-11,8%) da arrecadação de tributos sobre a renda corporativa o *Imposto sobre a renda das pessoas jurídicas (IRPJ)* e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). Essa queda - que também aconteceu no *Imposto sobre a Renda das Pessoas Físicas (IRPF)* de -3% - foi parcialmente compensada pela subida do Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF), especialmente em cima dos rendimentos do capital (subida de 22,2%).

Tal queda é explicada parcialmente pelo impacto da descida de preços das commodities, que diminui a rentabilidade de empresas exportadoras do ramo. Há efeitos indiretos sobre a atividade de outros setores. O bom desempenho do setor externo no PIB de 2023 ocorreu especialmente pelo recuo das importações - após o grande aumento de 2022, ano marcado por recuperação econômica pós-pandemia - e isso resultou na queda real da arrecadação do imposto de importação, de -12,3%.

A receita dos tributos sobre o consumo variou -1,5%, também em termos reais, influenciado, especialmente, pela queda do imposto de importação, da Cide-Combustíveis, ainda sob impacto das medidas de desoneração de 2022 e mantidas

parcialmente em 2023 (-32,1%). Por outro lado, o aumento da atividade econômica, que surpreendeu muitos analistas, contribuiu para a subida da arrecadação da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e do Programa de Integração Social (PIS) / Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep), em 1,1%, assim suavizando a queda da arrecadação federal sobre o consumo. Outras medidas de desoneração explicam parcialmente a queda do IPI, a despeito da maior atividade.

A melhoria do quadro do mercado de trabalho formal contribuiu para o forte aumento real da arrecadação líquida para o Regime Geral de Previdência Social (RGPS), de 5,8%. Houve tanto saldo positivo no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) quanto aumento da massa de rendimentos habitual. Também foi verificado aumento na arrecadação do Simples Nacional, de 5,4%.

Em relação às despesas não administradas pela Receita Federal do Brasil (RFB), houve sensível queda real (-21,1%). A queda foi puxada pela redução das concessões e permissões (-82,0%), dos dividendos e participações (-44,7%) e das receitas de exploração de recursos naturais (-18,5%). Ajudam a explicar a queda, a valorização do real, o menor preço do barril de petróleo e a própria mudança de política e gestão das empresas públicas, que tinham um perfil mais privatista e mais voltado à maximização de lucro dos acionistas no governo passado.

Do lado das despesas, além dos já citados aumentos no apoio financeiro aos estados e municípios e de sentenças judiciais e precatórios, que impactaram não somente o último trimestre como o ano inteiro (aumento real de 84,55% e 291,8%, respectivamente), houve crescimento substancial das despesas com o Benefício de Prestação Continuada (BPC) da Lei Orgânica de Assistência Social / Renda Mensal Vitalícia (LOAS/RMV) (12,4%) - fruto do crescimento dos beneficiários, do aumento de precatórios e do aumento do salário mínimo em 2023 - e das despesas obrigatórias com controle de fluxo (42,4%) - decorrente especialmente dos aumentos reais nas execuções em Bolsa Família e Auxílio

Brasil e na Função Saúde. Também houve aumento real substantivo nas despesas discricionárias (15,3%), especialmente nas Funções Educação, Transporte e Assistência Social.

Ao fim, o resultado primário fechou o ano de 2023 em déficit de R\$ 282.469,10 milhões, pouco inferior a 2% do PIB. Uma piora considerável frente ao resultado de 2022, que alcançou R\$ 46.408,5 milhões de superávit, equivalente a 0,5% do PIB do mesmo ano.

Num resumo comparativo, podemos afirmar que o superávit de 2022 foi alcançado por meio de forte contenção de despesas - especialmente no primeiro semestre - e da venda de ativos. O déficit de 2023 foi resultado de uma queda de arrecadação - cujas medidas de recuperação adotadas (destacadamente, eliminação de brechas existentes em regimes especiais de tributação) só devem ser visíveis em 2024 - e de uma expansão real de despesas, sobretudo as chamadas despesas obrigatórias com controle de fluxo.

## Panorama fiscal: Bahia

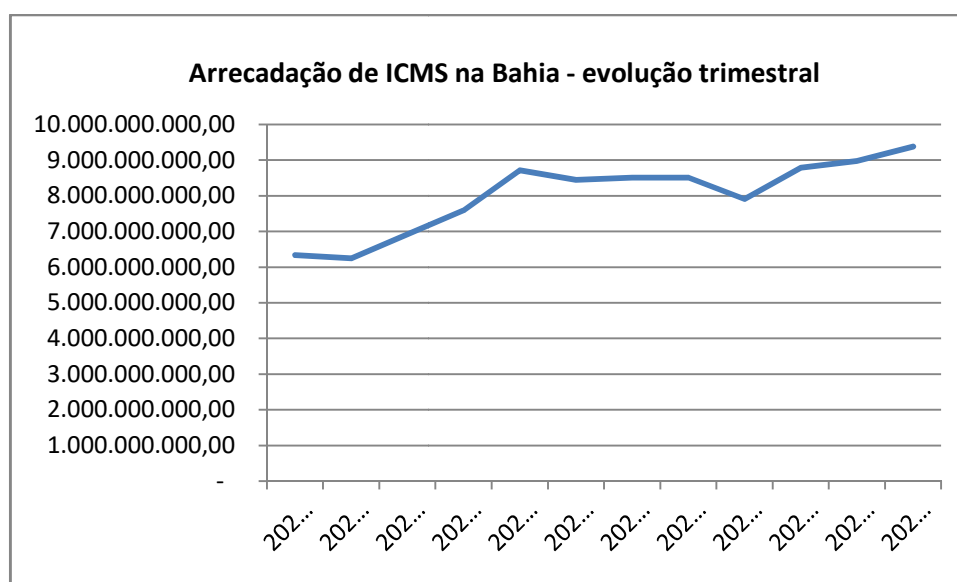
### Receitas

Assim como houve déficit fiscal registrado no âmbito federal, houve no âmbito do estado. Embora de forma mais suave que o projetado pela Secretaria da Fazenda, o resultado fiscal negativo se delineou, por um lado, em decorrência das consecutivas alterações nas leis tributárias e das flutuações no mercado - destaque para o recuo de -1,8% na indústria em 2023. Contudo, vale destacar que, mesmo diante desse contexto, a arrecadação estadual apresentou um ligeiro crescimento real em relação a 2022 (0,38%). Por outro lado, houve considerável aumento real de despesas (6,11%).

O último trimestre de 2023 apresentou um desempenho superior em comparação ao mesmo período de 2022 no quesito das receitas tributárias, registrando uma elevação

nominal de 15,24%. Em relação ao Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), o imposto de maior relevância para o estado, evidencia-se a continuidade da trajetória de crescimento, verificada no gráfico abaixo (Figura 1), com um aumento de 10,24% em comparação ao quarto trimestre de 2022. No acumulado do ano, o montante total arrecadado do ICMS atingiu a marca de R\$35.025.991.961,31, refletindo uma variação de 3,79% em relação ao ano anterior.

GRÁFICO 1



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Sefaz-BA

No Gráfico 1 pode-se observar a inflexão da trajetória da receita do ICMS na Bahia ocorrida a partir de 2022. O crescimento verificado ao longo de 2021 se converte em estagnação e depois em queda. Registrou-se uma redução de quase um bilhão na comparação entre o primeiro trimestre de 2022 e o de 2023. Esse decréscimo pode ser atribuído principalmente às leis complementares 192/2022 e 194/2022, implementadas pelo governo federal, as quais desoneraram os setores de energia e combustíveis, entre outros.

Em resposta à queda de receita, decorrente das LC citadas, o governo estadual aprovou

o aumento de um p.p. na alíquota modal em dezembro de 2022 (de 18% para 19%). Demonstrando a necessidade de medidas mais robustas, a Bahia, alinhando-se a outros nove estados e ao Distrito Federal, elevou a alíquota em mais um e meio p.p. em novembro de 2023, chegando assim a 20,5%. Esse novo aumento visa mitigar os impactos da desoneração e fortalecer as receitas estaduais, com a expectativa de uma recuperação significativa em 2024. Por outro lado, a Bahia passa a possuir a terceira maior alíquota modal de ICMS do Brasil, empatada com Pernambuco. Maranhão e Rio de Janeiro são as maiores (22%).

Também refletindo as LC 192 e 194 de 2022, houve uma sensível mudança na composição da arrecadação do ICMS, com natural perda da participação dos combustíveis e Petróleo - 22,47% em 2022 para 18,68% em 2023 - no total. A participação da Região Metropolitana de Salvador na arrecadação do ICMS total do estado também sofreu queda significativa - de 72,18% em 2022 para 69,42% em 2023 -, devido à alta importância de setores desonerados na economia do território.

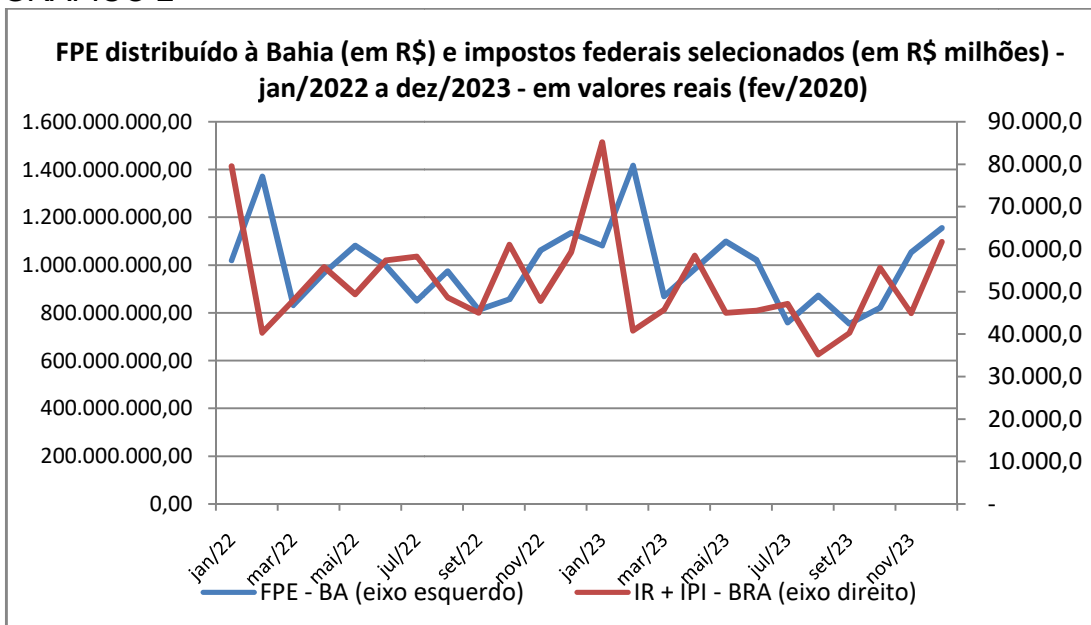
Ainda na análise anual das receitas estaduais, destaca-se a arrecadação de R\$ 75,27 bilhões no ano corrente, que corresponde a um incremento de 5,02% em relação aos R\$ 71,67 bilhões alcançados no ano anterior (2022). O aumento do valor arrecadado foi puxado pelo crescimento das receitas tributárias (6,03%). Apesar do crescimento mais tímido do ICMS (3,67%, que significa perda real) - devido aos motivos já expostos - outros impostos apresentaram forte crescimento, como o Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) (19,88%) e o Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação (ITCD) (23,17%).

No que diz respeito aos repasses federais, registrou-se um aumento da arrecadação nominal do Fundo de Participação dos Estados (FPE) de 3,9% no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior. Entretanto, ao considerar o resultado em termos reais, observou-se um leve decréscimo de -0,8%. Na comparação entre o

acumulado do ano de 2022 e o de 2023, a variação foi de -0,6%.

Considerando que o coeficiente de repasses do FPE para a Bahia permaneceu constante de 2022 para 2023, a explicação para a redução identificada reside na diminuição das receitas provenientes dos impostos componentes (no caso, IR e IPI). Variações na arrecadação desses impostos provocam impacto no FPE, na mesma direção. A relação entre as flutuações do FPE e as flutuações nas receitas federais de IR e IPI pode ser observada no Gráfico 2 abaixo.

**GRÁFICO 2**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Sefaz-BA

## Despesas

Adentrando a análise das despesas, constata-se que os limites legais permanecem em conformidade com os critérios estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). No último quadrimestre de 2023, a despesa com pessoal alcançou o patamar de 39,98%, alinhada aos parâmetros legais, os quais estabelecem um teto de 48,6%. Ademais, a gestão da dívida consolidada manteve-se igualmente sólida, registrando um percentual de



36,48%, bem abaixo do limite legal estipulado em 200%.

Apesar de dentro dos limites legais, tais indicadores são piores que os apresentados no mesmo período do ano anterior (36,20% e 30,11%, respectivamente). Essa ligeira piora se deve principalmente ao resultado da Receita Corrente Líquida (RCL) de 2023 em relação a 2022 (variação real de -1,7%).

Contudo, mesmo com a piora, a situação da Bahia permanece otimista quando comparada a outros estados. Entre 2022 e 2023, diversos estados apresentaram uma piora significativa em seus indicadores de despesa com pessoal, sendo que Rio de Janeiro, Paraíba, Acre, Roraima, Minas Gerais e Rio Grande do Norte ultrapassaram o limite prudencial de 46,55%, com os três últimos também rompendo o teto estabelecido pela LRF.

Na análise das despesas por função, no período de 2022 para 2023, destaca-se o notável crescimento de 172,3% na função Indústria. Ao filtrar por programa, observam-se iniciativas como o Desenvolvimento Produtivo, projeto que visa impulsionar a indústria regional. Outra área com crescimento consistente é a de Ciência e Tecnologia, que registrou um aumento de 15,1% nesse ano, seus programas incluem ações como inclusão trabalhista socioproductiva e investimentos em infraestrutura para o desenvolvimento tecnológico.

As maiores quedas, referentes ao mesmo período, ocorreram no setor de energia, com uma redução de 67,8%. E na função Organização Agrária que registrou -39%. No escopo da Organização Agrária, essa redução é atribuída à diminuição no projeto Regularização Fundiária para Agricultor Familiar e Povos e Comunidades Tradicionais, com uma queda de 51,0%. No setor de energia, as reduções estão em grande parte associadas aos projetos Expansão da Rede de Iluminação Pública Municipal, com uma queda de 81,4%, e Implantação de Rede de Distribuição de Energia Elétrica para Atendimento à

Infraestrutura Social, com uma diminuição de 55,9%.

Logo atrás da função Encargos Especiais - que abrange despesas em relação às quais não se podem associar um bem ou serviço a ser gerado no processo produtivo corrente, a exemplo de ressarcimentos e indenizações -, as maiores destinações de recursos em 2023 foram para a Educação, com R\$ 13,5 bilhões, seguida pela Saúde, com R\$ 11,46 bilhões. Essa classificação teve uma leve alteração em relação ao ano anterior (2022), quando a função previdência social ocupava a terceira posição, lugar hoje ocupado pela função saúde.

Outro elemento que pode ser destacado é a queda real do investimento, na comparação entre o acumulado de 2023 e o de 2022, que registrou -19,14%. Em valores atualizados, os investimentos foram de R\$ 9,8 bilhões em 2022 para R\$ 7,9 bilhões em 2023. Ainda assim, não foi considerado um valor baixo, levando-se em consideração que o ano de 2022 foi atípico. Em relação a 2019, um ano antes da pandemia, o investimento cresceu mais de 116,63% em termos reais.

Apesar das tentativas de revitalizar as receitas por meio da alteração na alíquota modal do ICMS e da continuidade dos esforços direcionados ao controle de gastos, especialmente das despesas relacionadas a pessoal e encargos sociais (queda acumulada real de 17,06% em relação a 2019), o governo do estado encerra o exercício financeiro de 2023 com déficit - algo que não acontecia desde 2016 - no montante de R\$ 220 milhões. Contudo, mantém-se a expectativa de que as mudanças na dinâmica de arrecadação e as práticas de controle de gastos possam reverter o cenário.

### Panorama Fiscal: Municipal

Seguindo a tendência da esfera federal e estadual, no município de Salvador também foi verificado um crescimento real das despesas (13,94%) bastante superior ao das receitas

(2,87%). O superávit de 2022, superior a um bilhão de reais em valores de hoje, praticamente desapareceu, tendo o município fechado as contas com resultado praticamente nulo (superávit de R\$24.368.016,74).

Pelo lado das receitas, houve crescimento real da arrecadação de impostos. Cabe destacar que a política do município de correção anual do IPTU pela inflação contribuiu para no mínimo a manutenção da receita (ela cresceu 6,06% em termos reais). O Imposto sobre Serviços (ISS) também exibiu crescimento real, de 5,81%, reflexo do dinamismo dos serviços.

Apesar do crescimento real da receita dos principais impostos - e da receita tributária de modo geral, de 6,38% - as receitas correntes exibiram um crescimento bem mais modesto (1,33%). Isso aconteceu devido ao fraco crescimento das transferências correntes (0,41%) – influenciado pela queda das transferências da União (-0,38%) - e à forte queda da receita patrimonial (-21,68%).

Houve alguns destaques positivos, como o aumento da receita das contribuições (9,68%) e o salto das receitas de serviço, de R\$4.523.334,56 em 2022 para R\$25.711.753,64 em 2023 (valores corrigidos). Tais aumentos são bastante significativos, mas correspondem a uma fatia pequena da receita corrente, não influenciando seu resultado.

Do lado das despesas, destaque para as chamadas outras despesas correntes - despesa de natureza corrente que não corresponde a pessoal, a exemplo de material de consumo - que tiveram aumento real de 12,87% e dos juros e encargos da dívida, de 54,77%. As despesas correntes como um todo cresceram 10,89%.

As despesas de capital tiveram um crescimento mais expressivo, de 35,15% em termos reais. Os investimentos cresceram 29,35%, as inversões financeiras 67,41% e a amortização da dívida 67,49%.

## PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos ([joaopaulo@sei.ba.gov.br](mailto:joaopaulo@sei.ba.gov.br))

Denis Veloso ([dveloso@sei.ba.gov.br](mailto:dveloso@sei.ba.gov.br))

Carol Vieira ([carolvieira@sei.ba.gov.br](mailto:carolvieira@sei.ba.gov.br))

### PIB baiano encerra o ano de 2023 com alta de 1,1%

O quarto trimestre cresce 2,6% e o sazonal 1,1%

De acordo com os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 2,6% no quarto trimestre de 2023 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (4º trimestre de 2023 em comparação com o 3º trimestre de 2023), o resultado foi de 1,1%. No acumulado do ano (janeiro a dezembro de 2023), comparado com igual período de 2022, a economia baiana fechou com alta de 1,1%.

#### Tabela 01

PIB trimestral Bahia 2023 <sup>(1)</sup>	
Períodos	Taxas (%)
4º tri 2023/4º tri 2022	2,6
4º tri 2023/3º tri 2023 (sazonal)	1,1
Acumulado no ano (janeiro a dezembro)	1,1

Fonte: SEI. Elaboração: SEI/Distat/Coref. Nota: (1) Dados sujeitos a retificação

### PIB em Valor Corrente

No **quarto trimestre** de 2023, o PIB baiano totalizou R\$ 99,6 bilhões, sendo que R\$ 83,7 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 15,9 bilhões aos impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Com relação aos grandes setores econômicos, a

**Agropecuária** apresentou Valor Adicionado de R\$ 3,3 bilhões, a **Indústria** R\$ 22,5 bilhões, e os **Serviços** R\$ 58 bilhões.

Para o **ano de 2023**, os resultados acumulados mostram um PIB corrente equivalente a R\$ 420,3 bilhões, sendo R\$ 368,4 bilhões de Valor Adicionado e R\$ 51,9 bilhões de impostos. Para os setores econômicos, os valores acumulados em 2023 são: **Agropecuária** (R\$ 32,3 bilhões), **Indústria** (R\$ 95,3 bilhões), e **Serviços** (R\$ 240,7 bilhões).

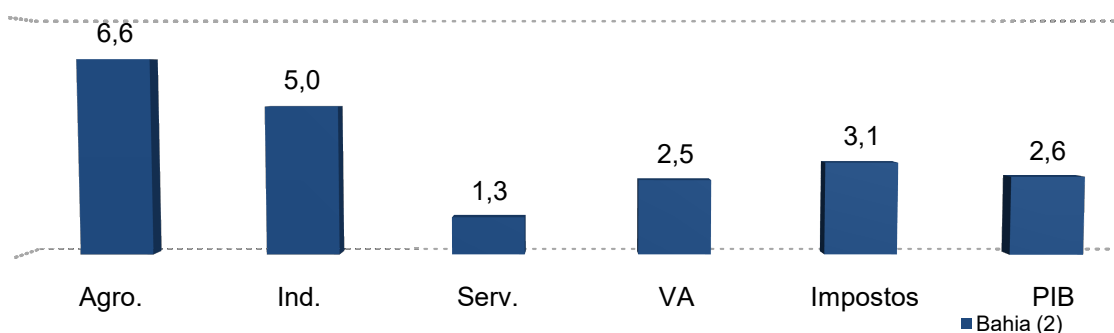
## 4º Trimestre 2023/ 4º Trimestre 2022

Quando comparado a igual período do ano anterior, o **PIB da Bahia** apresentou resultado positivo de 2,6% no quarto trimestre de 2023, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado apresentou variação de 2,5% e os Impostos sobre produtos líquidos de subsídios 3,1%. Os três setores registraram expansão: **agropecuária**, com taxa positiva de 6,6%, **indústria** cresceu 5,0% e **serviços**, com alta de 1,3%.

### Gráfico 01

**Variação dos setores do Produto Interno Bruto Bahia – 4º tri.2023(1).**

%



Fonte: SEI (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

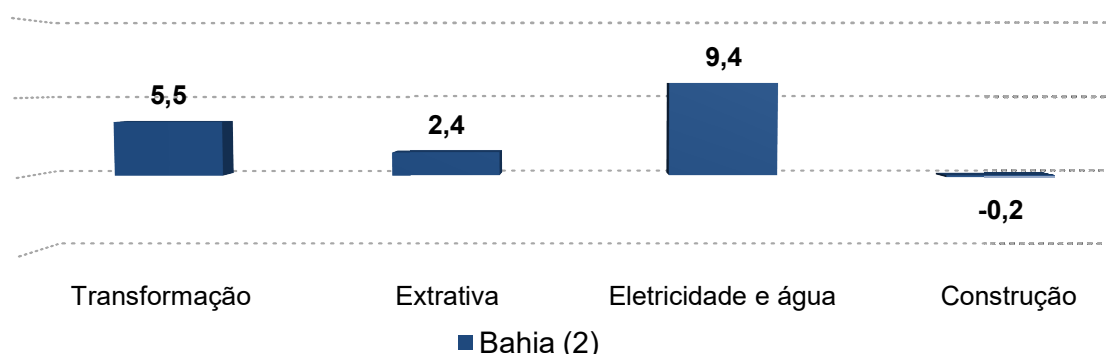
(2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do **setor agropecuário** baiano no quarto trimestre do ano foi de 6,6%. Destaques para as taxas de crescimento de algodão, mandioca, milho e soja; além disso, o segmento da pecuária (bovinos) também contribuiu positivamente para expansão do setor.

A taxa em volume do **setor industrial** baiano no quarto trimestre do ano foi de 5,0%. Três das quatro atividades industriais tiveram resultados positivos em comparação ao trimestre do ano anterior: *indústrias de transformação* (+5,5%); *indústria extrativa* (+2,4%); e *eletricidade e água* (+9,4%) em função da alta na produção de energia nas fontes hidrelétricas. Em contrapartida, a atividade da *construção civil* registrou leve queda no setor (-0,2%).

## Gráfico 02

### Varição das atividades da Indústria Bahia – 4º tri.2023(1).



Fonte: SEI (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

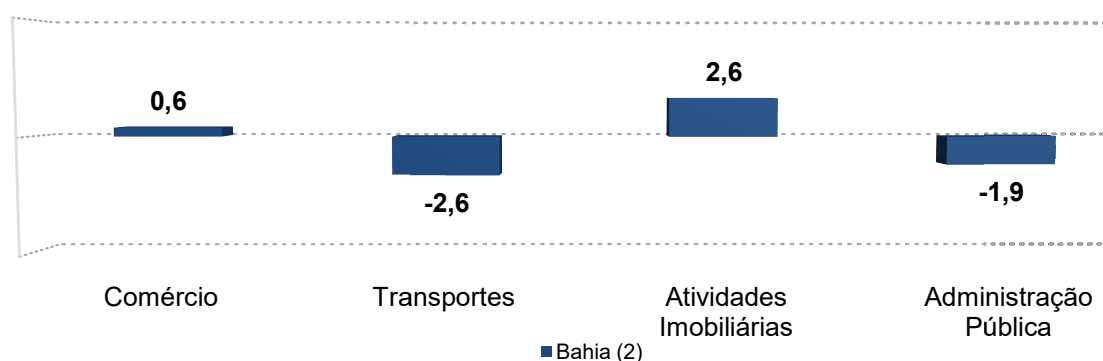
Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O **setor de serviços** do estado expandiu 1,3% no quarto trimestre do ano. As principais altas foram identificadas nas atividades de *comércio* (+0,6%), segunda atividade mais relevante do setor, e nas *atividades imobiliárias* (2,6%). Destaque negativo para a

*administração pública* com retração de 1,9%, atividade mais importante dentro da economia baiana, e para a atividade de *transportes* (-2,6%). O segmento *outros serviços*<sup>23</sup> registrou crescimento de 5,1%.

**Gráfico 03**  
**Varição das atividades de Serviços**  
**Bahia– 4º tri. 2023(1).**



Fonte: SEI (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no quarto trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

## Acumulado em 2023 (janeiro a dezembro)

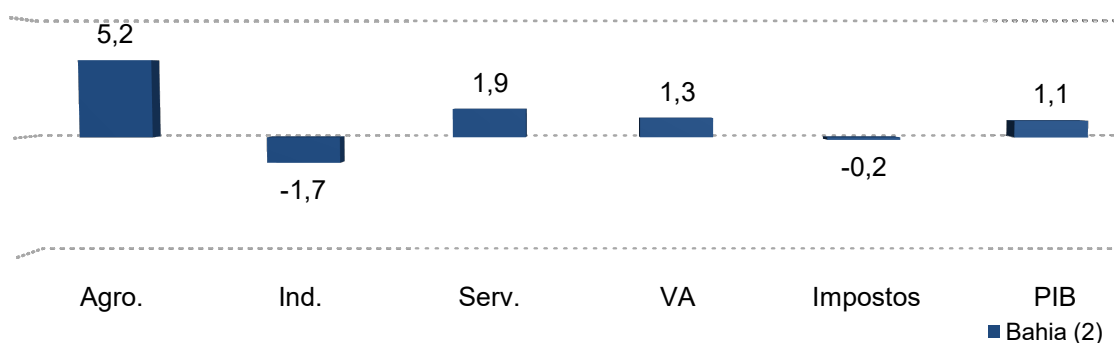
O **PIB baiano** no acumulado do ano de 2023 registrou crescimento de 1,1% (diante do registrado no mesmo período de 2022). O Valor Adicionado cresceu 1,3%, e os Impostos sobre produtos líquidos de subsídios, recuaram 0,2%. A principal contribuição para a expansão do PIB baiano em 2023 foi do **setor agropecuário**, o qual registrou crescimento acumulado de 5,2%. O setor de **serviços**, que possui o maior peso dentro da

<sup>23</sup>Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

estrutura econômica do estado, também contribuiu positivamente para o resultado positivo de 2023 com expansão de 1,9%.

#### Gráfico 04

#### Varição dos setores do Produto Interno Bruto Bahia – jan-dez.2023 (1). %



Fonte: SEI (2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

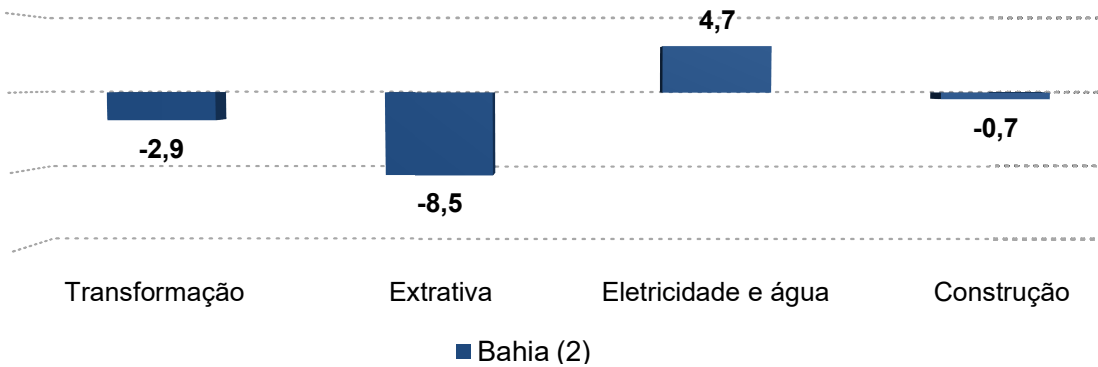
Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.  
(2) Dados sujeitos a retificação.

O VA do **setor industrial** baiano registrou queda em volume de 1,7% de janeiro a dezembro de 2023, em relação ao mesmo período do ano anterior, impulsionada por três das quatro atividades que compõe o setor. São elas: *Transformação* (-2,9%), *Extrativa* (-8,5%) e *Construção* (-0,7%). Única atividade a registrar crescimento foi *Eletricidade e água* (+4,7%).

#### Gráfico 05

#### Varição das atividades da Indústria Bahia – jan-dez.2023(1). %





Fonte: SEI(2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

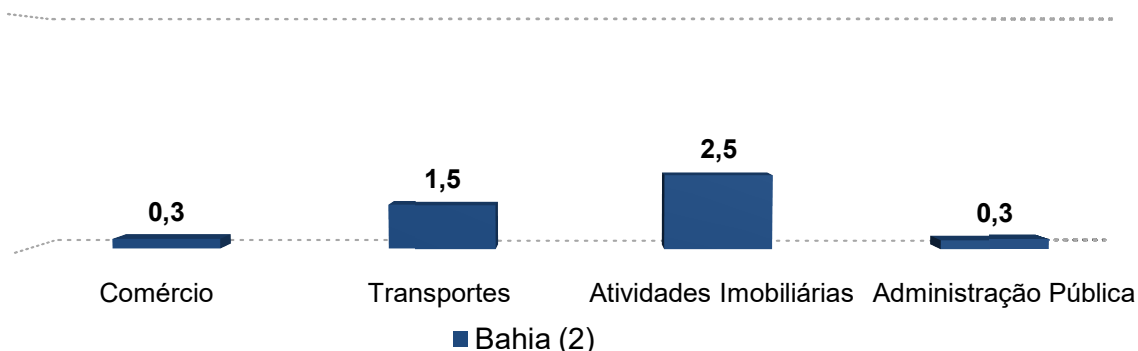
No que tange ao VA do **setor de serviços**, observou-se crescimento em volume de 1,9% no acumulado de 2023, ante o mesmo período anterior, influenciado pelas altas das atividades de *transportes* (+1,5%), das *atividades Imobiliárias* (+2,5%) e da *administração Pública e comércio* (+0,3%). No mesmo período, o segmento *outros serviços acumulou* crescimento de 6,1%, com destaque para as *atividades profissionais* e a atividade *educação e saúde*.

## Gráfico 06

### Variação das atividades de Serviços

Bahia – jan-dez.2023(1).

%



Fonte: SEI(2024).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

## MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo  
*luizlobo@sei.ba.gov.br*

Sim, o mercado de trabalho continuou absorvendo trabalhadores e gerando renda ao longo de 2023. O bom desempenho da economia no ano que passou foi o principal pilar para essa melhoria. Para o futuro, uma certeza: o ritmo do avanço dos indicadores de emprego e renda estarão ainda mais atrelados ao cenário macroeconômico do país. Dessa forma, uma eventual desaceleração, como preveem alguns analistas de mercado para este ano, impactará em alguma medida o compasso da geração de postos e rendimentos. A princípio, tudo indica, os principais indicadores do mercado de trabalho devem permanecer melhorando durante o ano de 2024, mas os avanços tendem a se dar de forma relativamente mais comedida do que outrora – ou seja, o nível de emprego e renda deverá continuar aumentando, mas num ritmo relativamente mais lento.

Os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), se constituíram nos principais elementos a subsidiar a construção deste texto, o qual visa expor, sem se constituir em uma análise aprofundada, as principais informações da conjuntura recente do mercado de trabalho baiano, contrapondo tais estatísticas com as das realidades nacional e regional quando se mostrar interessante.

De acordo com os dados do Caged, de outubro a dezembro de 2023, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado encolheu, fruto da supressão de 4.976 postos de trabalho. Ao fim de 2023, mesmo com a perda líquida do quarto trimestre, a Bahia passou a contar com 1.973.471 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 3,78% sobre o quantitativo de 1.901.549 empregos do início do ano (estoque de referência) – ou seja, 71.922 novos postos de trabalho no conjunto dos 12 meses de 2023. Dessa forma, ao término do referido ano, a Bahia concentrava 27,01% e 4,49% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Em contraponto aos resultados dos trimestres de referência, o saldo negativo de 4.976 postos no último trimestre do ano em território baiano permitiu constatações distintas. No comparativo com o terceiro trimestre de 2023, período que evidenciou uma geração líquida de 25.740 vagas, a apuração dos dados do quarto trimestre mostrou resultado bem inferior. Quanto ao mesmo trimestre de um ano antes, o saldo atual se revelou ligeiramente menos desfavorável, já que a ocupação com carteira assinada evidenciou uma perda de 5.778 vínculos à época.

Por sua vez, em termos de acumulado anual, o ano de 2023, com saldo de 71.922 novos postos, apresentou desempenho inferior ao de 2022, que contou com uma geração líquida de 122.455 vínculos celetistas – lembrando que o resultado em 2022 já tinha sido inferior ao identificado em 2021 (145.729 novos postos). Assim, no estado, o resultado anual mais recente, apesar de evidenciar uma ampliação do nível de emprego e contribuir para o revigoramento do mercado de trabalho local – visto se tratar do terceiro intervalo seguido com expansão –, suscita dúvidas de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo daqui para frente se manterá relevante, já que os dados apontaram mais um enfraquecimento no ritmo da geração anual de postos.

Sob o olhar dos resultados mensais do período, a dinâmica com mais desligamentos do que admissões foi apurada em somente um dos meses do quarto trimestre de 2023 na Bahia. O mês de dezembro, como de costume, exibiu saldo negativo, uma perda líquida de 17.299 postos – quantitativo mais do que suficiente para impactar negativamente o último trimestre de 2023. Aliás, dezembro foi o único mês do ano com resultado negativo, além de se tratar do pior resultado desde o visto em maio de 2020. O mês de novembro, por outro lado, foi o de maior saldo no trimestre, com 6.475 novas vagas. O mês de outubro, por sua vez, testemunhou um excedente menos destacado, com surgimento de 5.848 novos postos. Do mais, dos meses do trimestre, apenas novembro evidenciou saldo superior ao de um ano atrás – o que também ajuda a pôr em xeque a robustez futura da geração de postos de trabalho. No ano como um todo, o mês de abril foi o de maior saldo, com 11.705 novos postos.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi negativo para o país como um todo no agregado dos meses de outubro a dezembro de 2023, com 116.087 postos a menos. Ademais, apenas uma das regiões gerou postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (-51.654 postos) evidenciou o pior desempenho e o Nordeste (+25.360 postos) exibiu o único cenário favorável. Das unidades da Federação, houve supressão líquida em 16 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com decréscimo de 4.976 oportunidades ocupacionais, ficou na 19ª posição, 12 colocações abaixo da verificada no intervalo anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia evidenciou o pior resultado absoluto, enquanto Piauí (-1.582 postos) e Alagoas (+7.373 vagas) exibiram o segundo menor e o maior saldo regional no trimestre analisado, respectivamente. Em termos anuais, o crescimento do emprego celetista também foi observado no Brasil e no Nordeste, com 1.483.598 e 298.188 novas vagas, respectivamente. Das 27 unidades federativas, todas contaram com aumento do quantitativo de empregos celetistas em 2023. No ano, a Bahia, com 71.922 novos postos, exibiu o maior e o quinto maior saldo da região nordestina e do país, respectivamente.

O decréscimo de empregos com carteira assinada, na Bahia, no quarto trimestre de 2023 alcançou três dos cinco grandes estratos setoriais. Entre os dois setores com geração líquida de postos, o setor de *Comércio* se destacou com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 7.540 trabalhadores no período. O setor de *Serviços*, com 4.117 novos contratos, foi o outro com resultado positivo, indicando um saldo relativamente proeminente e evidenciando o segundo melhor resultado entre as atividades. A *Indústria geral*, no caso, registrou a pior performance, uma perda líquida de 5.882 vínculos. Em seguida, vieram a *Construção*, com a supressão líquida de 5.773 vagas e a *Agropecuária*, com a eliminação de 4.977 empregos. Assim, portanto, apenas dois dos cinco grandes segmentos não apontaram encolhimento do nível de emprego no intervalo analisado. No ano de 2023 como um todo, por outro lado, a geração líquida de postos se deu em todos os cinco setores, com destaque para as atividades de *Serviços* (+47.795 vínculos) e de *Comércio* (+14.900 vagas).

De acordo com o levantamento da PNADC, na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 12,7% no quarto trimestre de 2023. Trata-se do menor valor desde o do quarto trimestre de 2015 (12,4%). Do terceiro ao quarto trimestre do ano em questão, apesar da ausência de significância estatística da variação, a taxa de desocupação recuou, passando de 13,3% para 12,7%, respectivamente – indicando uma queda de maior intensidade agora (reco de 0,6 ponto percentual) do que na passagem do segundo ao terceiro trimestre (contração de 0,1 ponto percentual). Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2022, quando o indicador foi estimado em 13,5%, também houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 0,8 ponto percentual abaixo.

Assim, após ter iniciado o ano com aumento na margem, a taxa trimestral de desocupação emendou o terceiro reco consecutivo – roteiro semelhante ao verificado em 2022. Apesar dessas oscilações para baixo, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (12,7%) continuou bem acima de seu menor valor histórico,

ocorrido no quarto trimestre de 2013 (9,1%) – lembrando que seu pico se deu no primeiro trimestre de 2021, quando atingiu 21,7% da força de trabalho local. Ou seja, apesar da melhora, é preciso ter em mente que a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da pesquisa – aguardando, na verdade, um dinamismo ainda mais pujante da economia para voltar a um patamar mais razoável.

Além da Bahia, outras 14 unidades da Federação apresentaram contração na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação) – por outro lado, 11 delas registraram variação para cima e uma manteve estabilidade. A maior redução absoluta ocorreu no Rio Grande do Norte, queda de 1,8 ponto percentual (ao passar de 10,1% para 8,3%). Do mais, com mais um recuo da taxa de desocupação, a Bahia deixou de exibir a estimativa mais elevada entre as unidades federativas, ficando com a segunda mais alta, já que a maior foi observada no Amapá (14,2%). Na outra ponta, Santa Catarina (3,2%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual quatro vezes acima do observado no território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 7,4% e 10,4%, respectivamente – percentuais, portanto, abaixo do calculado para o território baiano (12,7%).

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou redução tanto na ocupação (-0,2% ou menos 10 mil ocupados) quanto na desocupação (-5,8% ou menos 55 mil desocupados) – assim, a ocupação recuou após duas altas em sequência, enquanto a desocupação diminuiu após ter aumentado. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, com menos gente ocupada, o encolhimento recente da taxa de desocupação se deu por conta da saída de pessoas da força de trabalho, ou seja, por uma menor pressão no mercado de trabalho (absorvida por um aumento no contingente dos que não estavam trabalhando nem procurando emprego). No comparativo interanual, por sua vez, houve aumento de

peças trabalhando (+1,3% ou mais 76 mil ocupados) e diminuição de pessoas procurando por trabalho sem conseguir (-6,0% ou menos 57 mil desocupados).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de outubro a dezembro de 2023 na Bahia, com 6,128 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar da contração na margem, ainda se revelou o segundo maior em oito anos (inferior apenas ao do trimestre antecedente nesse período, de 6,138 milhões de ocupados) – muito acima, portanto, do menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia de covid-19). Esse montante, porém, vale recordar, já foi de 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. No comparativo entre quartos trimestres, por sinal, o número de pessoas trabalhando foi o maior desde o estimado em 2015 (6,282 milhões de pessoas no último intervalo daquele ano). A população desocupada, composta por 888 mil indivíduos, reforçado pelo encolhimento na margem, revelou-se como o menor volume de baianos desocupados desde o calculado para o primeiro trimestre de 2015 (821 mil) – já tendo sido de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano de 2013, melhor marca da série no estado. Além do mais, para um quarto trimestre, trata-se do menor quantitativo de pessoas sem trabalho e que estavam procurando por um trabalho desde o constatado no ano de 2014 (700 mil desocupados à época).

Por fim, após ter decrescido por dois intervalos em sequência, o número de pessoas fora da força de trabalho na Bahia aumentou, chegando a 5,183 milhões (+1,4% ou mais 71 mil indivíduos) – com essa oscilação desfavorável, tal quantitativo mantém o alerta, já que se encontra num patamar maior do que qualquer outro observado antes da pandemia, com potencial para repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, após três altas em sequência, o número de informais encolheu. O quantitativo de formais, por sua vez, após aumentar duas vezes consecutivas, também diminuiu. A contração do montante de formais (-6 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude maior do que a queda da ocupação na informalidade (-3 mil pessoas). Ou seja, a ligeira redução atual da ocupação no estado se deu majoritariamente pelo canal da formalidade – o que acarretou uma ínfima elevação do grau de informalidade na margem. Assim, nesse contexto de evasão de trabalhadores principalmente do polo protetivo, o recuo geral da ocupação terminou assumindo um caráter ainda mais nocivo, já que desfavoreceu o estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e mais garantias. Por fim, o período de outubro a dezembro de 2023 contabilizou 3,192 milhões de ocupados na informalidade e 2,936 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 52,09% (ante 52,05% no terceiro trimestre do ano), o sexto maior do país. No Brasil como um todo, 39,1% das pessoas ocupadas se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2023, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.962 – o segundo mais baixo entre as unidades federativas (maior apenas do que o do Maranhão, estimado em R\$ 1.816), diferentemente do constatado no trimestre antecedente, quando havia sido o terceiro menor do país. Dessa maneira, o rendimento médio baiano se mostrou equivalente a 64,7% e a 96,2% dos rendimentos médio brasileiro e nordestino, que foram de R\$ 3.032 e de R\$ 2.040 no referido trimestre, respectivamente. Em relação ao mesmo intervalo de 2022, quando estava em R\$ 1.872, houve alta de 4,8% (ou seja, mais R\$ 90) – a quinta expansão consecutiva após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Num confronto com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.950, ocorreu uma variação positiva de 0,6% (mais R\$ 12), indicando a segunda alta consecutiva após ter recuado.



A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 11,774 bilhões – significando uma elevação de 1,1% frente ao do terceiro trimestre do ano (de R\$ 11,641 bilhões) e de 6,9% no comparativo com o total do mesmo período do ano de 2022 (cujo valor havia sido de R\$ 11,016 bilhões). A Bahia, assim, no quarto trimestre de 2023, concentrou 3,9% e 26,1% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina, respectivamente. Enfim, após ter recuado, a massa de rendimento real aumentou na margem pela segunda vez em sequência – por sinal, alta decorrente somente do crescimento do rendimento médio real, já que a população ocupada recuou nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a alta recente significou a oitava expansão consecutiva, mas depois de um período com sete quedas em sequência – a alta aqui, por outro lado, decorreu do aumento concomitante do rendimento médio real de todos os trabalhos e da ocupação.

Assim, com o ano fechado, pode-se constatar que os indicadores anuais de mercado de trabalho baiano da PNADC evidenciaram uma série de avanços conjunturais em 2023, tais quais: i) a taxa anual de desocupação diminuiu pela segunda vez consecutiva, ficando em 13,2%; ii) a taxa anual de desocupação se mostrou a menor de 2016 para cá e deixou de ser a mais alta do país; iii) a contração da taxa de desocupação de um ano para o outro se deu por conta de movimentos favoráveis, a ampliação da ocupação combinada com a retração do número de desocupados; iv) o número de ocupados aumentou pela terceira vez seguida, alcançando 6,075 milhões e registrando o maior montante desde 2015 (6,398 milhões de trabalhadores); v) o total de desocupados encolheu pelo segundo ano em sequência, chegando a 922 mil pessoas e assinalando a menor marca desde 2015 (816 mil desempregados); vi) o número de trabalhadores formais (+71 mil) aumentou e o de informais reduziu (-18 mil) em um ano; vii) o grau de informalidade diminuiu após dois anos em alta e chegou ao segundo nível mais baixo da série, marcando 53,7%; viii) o rendimento médio real aumentou após dois anos em queda, crescendo 7,2% de 2022 para 2023 e chegando a R\$ 1.865; e ix) a massa de rendimento

real anual cresceu pela segunda vez consecutiva, aumentando 9,5% em um ano e alcançando R\$ 11,032 bilhões.

No entanto, ainda com base nos parâmetros anuais, a despeito de melhorias diversas e do entusiasmo crescente, parte desses indicadores desnudou uma realidade complicada em 2023 e, por isso, os avanços não significaram necessariamente a superação do cenário desafiador na Bahia. Por exemplo: i) a taxa anual de desocupação se revelou a segunda maior do país, abaixo apenas da de Pernambuco (13,4%); ii) a taxa de desemprego ainda se mostrou bem acima de seu menor valor histórico, ocorrido em 2014 (9,8%); iii) a taxa de desocupação em território baiano ainda se encontrava significativamente acima das taxas brasileira (7,8%) e nordestina (11,0%); iv) o ritmo de crescimento da população ocupada diminuiu comparativamente ao do ano imediatamente antecedente; v) o recuo relativo do montante de desocupados foi menor em relação ao visto no ano de 2022; vi) o quantitativo de indivíduos fora da força de trabalho (5,089 milhões) voltou a crescer após dois encolhimentos em sequência, mantendo-se acima de qualquer patamar anterior ao ano de eclosão da pandemia; vii) o desalento voltou a crescer após dois anos, registrando 596 mil desalentados; viii) o contingente de desalentados em território baiano continuou sendo o maior do país; ix) o contingente de informais (3,264 milhões) ainda se mostrou o segundo maior da série; x) a taxa de informalidade em terras baianas se revelou a quinta maior entre as 27 unidades federativas; e xi) o rendimento médio real se mostrou o mais baixo do país e o terceiro menor da série.